

*Na escola do  
Espírito Santo*



*Jacques Philippe*

# NA ESCOLA DO ESPÍRITO SANTO

**Jacques Philippe**

Tradução por IA (ChatGPT)  
do texto em espanhol

Àquela que nos disse:  
«*Fazei o que Ele vos disser*»  
(Jo 2,5)

# ÍNDICE

Introdução

I - A santidade é obra do Espírito

II - Como favorecer a irrupção das inspirações?

III - Como se reconhece que uma inspiração procede de Deus?

Conclusão

Anexo 1 - Textos de Louis Lallemant

Anexo 2 - Textos de S. Francisco de Sales

Anexo 3 - Liberdade e submissão

## INTRODUÇÃO

Ó meu Jesus, como é fácil santificar-se! Basta apenas um pouquinho de boa vontade! E se Jesus descobre esse mínimo de boa vontade na alma, apressa-Se a entregar-Se a ela. E nada O detém, nem as faltas, nem as quedas, absolutamente nada. Jesus tem pressa em ajudar essa alma, e se a alma for fiel a esta graça de Deus, em pouco tempo conseguirá alcançar a mais alta santidade que uma criatura possa atingir aqui na terra. Deus é muito generoso e não nega a ninguém a sua graça. Até nos dá mais do que pedimos. O caminho mais curto é a fidelidade às inspirações do Espírito Santo».

Este belo texto é extraído do Diário da irmã Faustina<sup>[1]</sup>.

Na sua simplicidade e concisão, oferece uma mensagem extraordinariamente importante a todos os que aspiram à santidade, dito com simplicidade, aos que querem responder com a maior plenitude possível ao amor de Deus.

A grande pergunta destas almas, por vezes angustiadas, é a de saber como fazê-lo.

É possível que tu, leitor, faças parte daqueles a quem esta pergunta não preocupa demasiado. Talvez o teu coração nunca tenha conhecido essa aspiração de amar a Deus tanto quanto é possível amá-Lo.

Então, suplico-te, pede ao Espírito Santo que coloque em ti esse desejo e pede-Lhe que nunca te deixe descansar! Então serás feliz: «*Felizes os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados*» (Mt 5, 6) <sup>[2]</sup>.

Para aqueles que aspiram assim à plenitude do amor, qualquer indicação que ilumine ou encurte o seu caminho é muito valiosa. Quase ninguém tem consciência disso, mas, na minha opinião, é tão necessário que as almas santas se santifiquem cada vez mais e mais rapidamente, como que os pecadores se convertam, pois isso beneficia igualmente a Igreja. O mundo será salvo pela oração dos santos.

Por isso, embora nem todos compreendam esta linguagem, consideramos de grande importância transmitir aos cristãos de hoje a grande mensagem dos santos, a fim de lhes permitir progredir mais rapidamente na perfeição do amor.

A questão-chave deste caminho é talvez a de saber em que devemos concentrar os nossos esforços. E isso nem sempre é evidente, nem corresponde sempre ao que imaginamos quando iniciamos esse caminho.

Nesta passagem, como noutras determinadas reflexões do seu «*Diário*», a irmã Faustina dá-nos uma indicação, fruto da sua experiência, que merece ser ouvida: o caminho mais curto é a fidelidade às inspirações do Espírito Santo.

Mais do que dispersar os nossos esforços em aspectos da nossa vida que talvez se revelassem estéreis ou pouco eficazes, a irmã Faustina propõe-nos concentrá-los neste ponto: estar atentos para reconhecer, acolher e pôr em prática as inspirações do Espírito Santo. Isso, de longe, será o mais «*gratificante*».

Vamos explicar a razão e, em seguida, descreveremos o que isso significa.

## I - A SANTIDADE É OBRA DO ESPÍRITO

A ilusão geral consiste em pensar que a santificação é obra do homem: trata-se de traçar um programa de perfeição bem claro e de pôr mãos à obra com coragem e paciência para o levar a cabo de forma progressiva. E isso é tudo.

Infelizmente (ou felizmente), isso não é tudo... É indubitável que a coragem e a paciência são necessárias. Mas certamente não é verdade que a santidade consista no cumprimento de um programa de vida que estabelecemos para nós mesmos. Por várias razões, sendo duas delas as principais, às quais nos referiremos em seguida.

### 1. A tarefa está acima das nossas forças

É impossível alcançar a santidade pelas nossas próprias forças. Toda a Escritura nos ensina que ela só pode ser fruto da graça de Deus. Jesus diz-nos: «*Sem Mim nada podeis fazer*» (Jo 15,15). E São Paulo: «*O querer está em mim, mas não o fazer o bem*» (Rom 7, 18). Os próprios santos o testemunham. Vejamos como se exprime Grignon de Monfort ao falar desta santificação que é o plano de Deus para nós:

«Ó obra admirável: o pó transformado em luz, a imundície em pureza, o pecado em santidade, a criatura no Criador e o homem em Deus! Ó! Obra admirável!, repito, mas uma obra difícil em si mesma e impossível para a simples natureza; somente Deus, por uma graça, e uma graça abundante, a pode realizar; e a criação de todo o universo não é uma obra-prima tão grande como esta»<sup>[3]</sup>.

Sejam quais forem os nossos esforços, não podemos transformar-nos a nós mesmos. Só Deus pode acabar com os nossos defeitos, com as nossas limitações na ordem do amor; somente Ele possui um domínio suficientemente profundo dos nossos corações para isso. Ter consciência disto evitar-nos-á um grande número de combates inúteis e de desânimos. Não procuremos tornar-nos santos pelas nossas próprias forças<sup>[4]</sup>, mas antes encontrar o meio de agir de maneira que Deus nos torne santos.

Isso exige muita humildade (renunciar à pretensão orgulhosa de o conseguir por nós mesmos, aceitar as nossas carências, etc.), mas ao mesmo tempo é muito estimulante.

Com efeito, se as nossas próprias forças têm limites, não os têm nem o poder nem o amor de Deus. E, sem dúvida alguma, podemos conseguir que esse poder e esse amor venham em auxílio da nossa fraqueza: basta-nos aceitá-la serenamente e colocar apenas em Deus toda a nossa confiança e toda a nossa esperança. No fundo, é muito simples, mas, como todas as coisas simples, precisamos de anos para as compreender e sobretudo para as viver.

De certo modo, o segredo da santidade reside em descobrir que tudo podemos obter de Deus, desde que saibamos como recebê-lo. É o segredo do caminho da infância espiritual de Santa Teresa de Lisieux: «*Deus tem um coração de pai, e podemos obter infalivelmente aquilo de que necessitamos, se soubermos conquistá-Lo pelo coração*» [5].

Creio que a ideia de que tudo pode ser alcançado de Deus foi encontrada por Teresa naquele que foi quase o seu único mestre, São João da Cruz. Eis o que este último nos diz no seu *Cântico Espiritual*:

«Grande é o poder e a persistência do amor, pois até o próprio Deus prende e liga. Feliz a alma que ama, pois tem Deus por prisioneiro, rendido a tudo o que ela quiser; porque Ele tem tal condição que, se O levam pelo amor e pelo bem, fá-Lo-ão fazer tudo o que quiserem» [6].

Esta frase audaciosa sobre o poder que o nosso amor e a nossa confiança podem ter sobre o coração de Deus contém uma bela e profunda verdade.

O próprio São João da Cruz exprime-o noutros termos: «*O que move e vence é uma esperança perseverante*» [7]. E também:

«... agrada-se tanto o Amado da alma, que é verdade dizer que ela tanto alcança d'Ele quanto d'Ele espera» [8]

A santidade não é um programa de vida, mas algo que se obtém de Deus; existem inclusive meios infalíveis para a alcançar, mas a questão está em compreender quais são... Todos temos a possibilidade de chegar a ser

santos, simplesmente porque Deus Se deixa vencer pela confiança que n'Ele depositamos. O que diremos a seguir tem como objectivo colocar-nos neste bom caminho...

## **2. Só Deus conhece o caminho de cada um**

Vejamos a segunda razão pela qual não podemos alcançar a santidade traçando para nós um programa: há tantas formas de santidade, e portanto tantos caminhos para ela, quantas pessoas. Cada uma é absolutamente única para Deus. A santidade não consiste na prática de um determinado modelo de perfeição que seria idêntico para todos: é o desabrochar de uma realidade absolutamente única, que só Deus conhece e que só Ele sabe fazer desabrochar. Nós ignoramos em que consiste a nossa própria santidade; isso não se revela senão ao longo do caminho, e frequentemente é algo muito diferente daquilo que poderíamos imaginar. A tal ponto que o maior obstáculo à santidade é talvez o de «*nos agarrarmos*» à imagem que fazemos da nossa própria perfeição...

O que Deus quer é sempre diferente, sempre desconcertante, mas, no fim de contas, infinitamente mais belo, pois só Deus é capaz de criar obras-primas absolutamente únicas, enquanto o homem apenas sabe imitar.

Isto tem uma consequência importante. Para aceder à santidade, o homem não pode limitar-se a seguir princípios gerais que valem para toda a gente. É preciso captar também aquilo que Deus lhe pede em particular, e que talvez não peça a mais ninguém. Como detectá-lo? De diversas maneiras, certamente: através dos acontecimentos da vida, dos conselhos de um director espiritual e de muitos outros meios.

Entre eles, há um cuja importância fundamental merece uma explicação: trata-se das inspirações da graça divina. Por outras palavras, trata-se daqueles apelos interiores, daqueles movimentos do Espírito Santo no mais profundo do nosso coração, pelos quais Deus nos dá a conhecer aquilo que nos pede, ao mesmo tempo que, se consentirmos nisso, nos infunde a força necessária para o fazer. Mais adiante diremos como detectar e acolher essas inspirações.

Bem entendido, para chegarmos a ser santos devemos esforçar-nos por obedecer à vontade de Deus, tal como ela nos aparece na Escritura, nos mandamentos, etc., de maneira geral e válida para todos. Mas, como acabámos de dizer, é indispensável ir mais longe: aspirar a conhecer não só aquilo que Deus pede a todos de maneira geral, mas também o que espera especificamente de mim. É aqui que intervêm essas inspirações de que falamos. Mas é preciso afirmar também que, no que diz respeito ao cumprimento da vontade geral de Deus para nós, essas inspirações são necessárias.

A primeira razão é a seguinte: se aspiramos à perfeição, temos tantas coisas para praticar, tantos mandamentos e virtudes para pôr em obra, que nos é impossível combater em todas as frentes e, num dado momento da nossa vida, é importante saber qual a virtude que deve ser prioritária, não segundo os nossos critérios, mas segundo aquilo que Deus realmente nos pede, o que será infinitamente mais eficaz. Nem sempre é aquilo que pensamos de forma espontânea, e haveria muito a dizer a esse respeito: acontece frequentemente fazermos esforços desmesurados para avançar num ponto, quando aquilo que Deus nos pede é outra coisa. Por exemplo, lutamos denodadamente para corrigir um defeito de carácter, enquanto aquilo que Deus nos pede é o de *aceitarmo-nos a nós mesmos com humildade e paciência!* As inspirações da graça são muito valiosas, pois permitem-nos orientar acertadamente os nossos esforços no meio da multidão de combates que temos de travar... Sem elas, corremos o grande risco de relaxar em determinados aspectos, ou de exigir de nós mesmos mais do que Deus nos pede, algo que é igualmente grave e mais frequente do que parece. Deus chama-nos à perfeição, mas não é perfeccionista. E a perfeição não se alcança tanto pela *identificação exterior com um ideal, como pela fidelidade interior a certas inspirações.*

Existe uma segunda razão demonstrada pela experiência. Frequentemente não temos a força para cumprir a vontade e os mandamentos de Deus que conhecemos e que são válidos para todos. Ora, cada vez que somos fiéis na nossa resposta a um movimento do Espírito com o desejo de ser dóceis àquilo que Deus espera de nós – mesmo a propósito de algo quase insignificante em si mesmo – esta fidelidade atrai sobre nós um aumento de graça e de fortaleza que poderá aplicar-se a outros

aspectos, e que talvez um dia nos torne capazes de obedecer a esses mandamentos, pois até ao momento, carecemos da força para os cumprir. Poderíamos dizer que é uma aplicação da promessa de Jesus no Evangelho: *«Servo bom e fiel; foste fiel no pouco, confiar-te-ei o muito»* (Mt 25, 23). Podemos deduzir uma *«lei espiritual»* fundamental: *obteremos a graça de sermos fiéis nas coisas importantes – aquilo que de momento nos parece impossível – à força de sermos fiéis nas pequenas coisas ao nosso alcance, sobretudo quando essas pequenas coisas são aquelas que o Espírito Santo nos pede chamando o nosso coração por meio das suas inspirações.*

Terminemos este parágrafo com uma consideração, também fundamental, para nos motivarmos no desejo de fidelidade a essas inspirações. Se nos propusermos lutar para alcançar algum progresso espiritual segundo as nossas ideias e os nossos próprios critérios, não temos o êxito garantido. Já o dissemos: entre aquilo que Deus realmente nos pede e aquilo que nós imaginamos que nos pede, costuma haver uma enorme diferença. Não obteremos a graça para fazer aquilo que Deus não nos pede e, pelo contrário, temos assegurada a sua graça para aquilo que espera de nós: Deus dá aquilo que ordena. Quando nos inspira a fazer alguma coisa (se realmente é Ele a fonte dessa inspiração), concede ao mesmo tempo a capacidade para a fazer, mesmo se isso nos ultrapassa ou assusta num primeiro momento... Todo o movimento divino, ao mesmo tempo que é luz para compreender aquilo que Deus deseja, é força para o cumprir: luz que ilumina a inteligência e força que anima a vontade.

### **3. A fidelidade à graça atrai outras graças**

Vejamos um breve relato da irmã Faustina, extraído também do seu Diário.

*«Naquela noite, eu tentava cumprir os meus deveres até à bênção, pois sentia-me mais doente do que de costume. Imediatamente depois da bênção, fui deitar-me. Mas, de repente, ao entrar no meu quarto, senti interiormente que tinha de ir à cela da irmã N., que precisava de ajuda. Entrei imediatamente na sua cela, e a irmã N. disse-me: “Oh, minha irmã, como é bom que Deus te tenha trazido!”. Falava tão baixo que mal a podia ouvir. Disse-me: “Irmã, por favor tenta trazer-me um pouco de chá com limão. Tenho muita sede e não consigo mover-me porque sofro muito”. E*

*realmente era assim, e tinha muita febre. Acomodei-a melhor, e um pouco de chá acalmou-lhe a sede. Quando voltei à minha cela, a minha alma estava inundada de um grande amor de Deus, e compreendi que é preciso estar muito atento às inspirações interiores e obedecer-lhes fielmente. E a fidelidade a uma graça atrai outras»<sup>[9]</sup>.*

Este texto ilustra algumas das coisas ditas anteriormente. Sublinha um ponto capital: cada fidelidade a uma inspiração é recompensada com graças mais abundantes, em especial com inspirações mais frequentes e mais poderosas, aparecendo também como um impulso da alma para uma maior fidelidade a Deus, uma percepção mais clara da sua vontade e uma maior facilidade para a cumprir. Assim o afirma também São Francisco de Sales:

*«Quando se aproveita bem uma inspiração que o Senhor nos dá, Ele concede outra, e assim Nosso Senhor continua a conceder as suas graças à medida que são aproveitadas»<sup>[10]</sup>.*

O dinamismo fundamental que poderá conduzir-nos pouco a pouco à santidade radica na nossa fidelidade a uma graça que atrai outras<sup>[11]</sup>. Santa Teresa de Lisieux testemunha-nos também esse «*dinamismo da fidelidade*» que torna cada vez mais fácil o cumprimento da vontade de Deus:

*«A prática da virtude torna-se-me doce e natural; ao princípio, o meu rosto costumava deixar transparecer o combate, mas pouco a pouco essa impressão desapareceu e a renúncia tornou-se-me fácil desde o primeiro momento. Jesus disse-o: “Àquele que tem, dar-se-á e terá em abundância”. Por uma graça fielmente recebida, Ele concedia-me uma multidão de outras...»<sup>[12]</sup>.*

Acrescentemos que isto é acompanhado pela graça da felicidade: normalmente, a obediência ao Espírito custa-nos num primeiro momento, porque choca com os nossos medos, com os nossos apegos, etc., mas no fim de contas esta obediência traz sempre consigo uma efusão de graça que alarga o coração e faz com que a alma se sinta livre e feliz ao caminhar pelos caminhos do Senhor: «*Correrei pelo caminho dos teus mandamentos, porque dilatarás o meu coração*» (Sl 119, 32). Deus recompensar-nos-á amplamente, com uma generosidade que só é própria d'Ele: trata-nos como o Deus que é... Há também nisto como que uma lei espiritual confirmada pela experiência, e que merece ser assinalada: este caminho da docilidade

às moções do Espírito Santo, embora seja exigente, pois «*o Espírito sopra onde quer*» (Jo 3, 8), é um caminho de liberdade e de felicidade no qual a alma caminha sem coacção, e o coração não se sente oprimido, mas dilatado. Esta dilatação do coração é como um sinal evidente da presença do Espírito.

O Espírito Santo recebe acertadamente o nome de «*Consolador*». Quando acolhemos estes apelos do Espírito que nos iluminam e nos impulsionam a agir, derramam no nosso coração, além de luz e força, uma espécie de bálsamo de repouso e de paz que frequentemente nos enche de consolação. Mesmo no caso de o seu objecto ser de escassa importância, esses apelos, por procederem do Espírito divino, participam do poder que Deus tem de nos consolar e cumular.

Por si só, uma pequena gota do bálsamo do Espírito Santo pode encher o nosso coração de uma alegria maior do que todos os bens da terra, porque participa da infinitude de Deus<sup>[13]</sup>. «*Derramais óleo sobre a minha cabeça e o meu cálice transborda*» (Sl 23). E esta unção do Espírito derrama-se irremediavelmente na alma que pratica o bem que o Espírito lhe inspira. E encontramos outra importante lei da vida espiritual: aquilo que é capaz de satisfazer os nossos corações não são tanto os bens que recebemos, mas antes o bem inspirado por Deus que praticamos. Há mais felicidade em dar do que em receber.

Acabámos de demonstrar até que ponto é fecundo acolher e obedecer às moções do Espírito, e até chegar a dizer, com a irmã Faustina, que este é o principal meio da nossa santificação. Colocam-se-nos diversas perguntas: «*como reconhecer e discernir essas moções do Espírito? Recebemos todas essas moções? Com que frequência? Como favorecer a sua presença na nossa vida espiritual?*»

Em seguida tentaremos responder a essas perguntas, começando pela última.

## II - COMO FAVORECER A IRRUPÇÃO DAS INSPIRAÇÕES?

Deus ama os homens com um amor igual e quer conduzi-los a todos à perfeição, mas ao mesmo tempo tem caminhos diferentes para uns e para outros. O que quer dizer que as inspirações da graça terão frequências e manifestações muito diferentes de uma pessoa para outra. Não se pode obrigar o Espírito, e Deus é Senhor dos seus dons.

Contudo, não podemos duvidar de que Deus concederá a toda a gente as inspirações necessárias para a sua própria santificação.

Ouçamos São Francisco de Sales:

«Oh, quão felizes são aqueles que têm os seus corações abertos às inspirações santas! Porque jamais faltam a ninguém aquelas que lhe são necessárias para viver santa e piedosamente no seu estado e para exercer religiosamente as obrigações da sua profissão e vida. Porque, assim como Deus, por mediação da natureza, dá a cada animal os instintos que lhe são necessários para a sua conservação e para o exercício das suas propriedades naturais, assim também, se nós não resistirmos à graça divina, dá-nos a cada um as inspirações necessárias para viver, agir e conservar-nos santamente na vida espiritual»<sup>[14]</sup>.

É preciso acrescentar também que essas moções do Espírito, mesmo se desgraçadamente ocupam um lugar escasso na existência de muitos cristãos, não têm em si mesmas nada de extraordinário, mas fazem parte de um «*funcionamento normal*» da vida espiritual.

Assim o sugere São Paulo quando diz: «*todos os que são guiados pelo Espírito de Deus, esses são filhos de Deus*» (Rom 8, 14), e também: «*se vivemos segundo o Espírito, caminhemos também segundo o Espírito*» (Gal 5, 25). Todos recebemos a adopção filial e a graça do Espírito Santo através do baptismo. O fruto normal desse sacramento é o aparecimento na nossa vida daquilo que em teologia se chama os «*dons do Espírito Santo*», que têm por objectivo «*dispor a alma a experimentar prontamente o impulso da inspiração divina*»<sup>[15]</sup> (São Tomás de Aquino). E diz também: «*Os dons do Espírito Santo capacitam as almas para se submeterem às moções divinas*»<sup>[16]</sup>.

Todo o cristão deve, pois, desejar e pedir as graças da inspiração. Certamente, Deus concede-as em maior ou menor medida, e «*a quem muito*

*foi dado, muito será exigido»* (Lc 12, 48); como àquele a quem menos foi dado, menos lhe será pedido.

Falta dizer que elas não são facultativas, mas podem ser decisivas para o nosso progresso espiritual, e o facto de as acolhermos na nossa vida é da maior importância.

O que é que permite concretamente a manifestação das inspirações da graça? Que devemos fazer para que o Senhor nos faça beneficiar delas na maior medida possível? A seguir apresentamos um certo número de condições que favorecem a sua manifestação.

### **1. Praticar o louvor e a gratidão**

Talvez aquilo que nos impede de receber de Deus graças mais abundantes seja simplesmente não reconhecermos aquelas que nos concedeu e não Lhas agradecermos suficientemente.

Não há dúvida de que, se dermos graças a Deus com todo o nosso coração por cada graça recebida, em especial pelas inspirações, Ele nos concederá ainda mais.

Ouçamos Santa Teresa de Lisieux falando à sua irmã Céline:

«Aquilo que mais atrai as graças de Deus é a gratidão, pois se Lhe agradecermos um benefício, Ele comove-Se e apressa-Se a conceder-nos dez vezes mais; e se Lhas agradecermos com o mesmo fervor, que incalculável multiplicação de graças! Eu tenho essa experiência, experimenta-o e verás. A minha gratidão por tudo o que me dá não tem limites, e demonstro-lho de mil maneiras»<sup>[17]</sup>.

Não se trata de agir com «*cálculo*», mas de tomar consciência de que a nossa ingratidão para com Deus nos faz voltar sobre nós mesmos e nos fecha à sua graça. «*Bendiz, ó minha alma, o Senhor e não esqueças nenhum dos seus benefícios*», diz o salmo<sup>[18]</sup>. O louvor purifica o coração e dispõe-no maravilhosamente para receber a graça divina e as moções do Espírito Santo.

### **2. Desejá-las e pedi-las**

Naturalmente, é preciso desejá-las e pedi-las frequentemente na oração: «*Pedi e dar-se-vos-á*» (Lc 11, 9). Essa deveria ser uma das petições que dirigimos a Deus com maior frequência: «*Inspira-me em todas as minhas decisões e faz com que eu não negligencie nenhuma das tuas inspirações*».

Devemos pedi-lo em todas as circunstâncias da nossa vida. Em momentos especiais, diante de decisões importantes, ou quando temos a impressão de que a nossa vida com o Senhor está um pouco estagnada e precisa de ser reanimada, talvez nos convenha tirar alguns dias de retiro e rezar com mais intensidade para pedir a luz do Espírito Santo. E seria bem surpreendente que Deus então não nos respondesse com as suas inspirações.

### **3. Estar decididos a não negar nada a Deus**

Mais do que uma oração consciente e concreta sobre este tema, é importante que exista em nós uma *determinação firme e constante de obedecer a Deus em todas as coisas*, grandes ou pequenas, sem excepção. Quanto maior for a nossa atitude de plena fidelidade, mais Deus nos favorece com as suas inspirações.

Não digo que seja preciso sermos efectivamente capazes de obedecer em tudo a Deus: isso, sem dúvida, ainda é impossível por causa da nossa fragilidade. Mas é preciso estar firmemente decidido, e agir de tal modo que, especialmente graças à oração, nos fortaleçamos incessantemente no propósito de não negligenciar nenhum dos desejos que Deus nos possa manifestar, por mais insignificantes que sejam.

Advirtamos que esta determinação não deve transformar-se em escrúpulos dos quais o demónio poderia servir-se para nos desanimar, como o receio de «*deixar de lado a vontade de Deus*» ou a angústia de não a captar. Neste domínio, como em todos os outros, devemos deixar-nos guiar pelo amor e não pelo temor e, como dizia São Francisco de Sales, devemos «*amar a obediência mais do que temer a desobediência*»<sup>[19]</sup>. Devemos fortalecer-nos sem cessar no propósito de sermos dóceis a Deus, cuidando de que o demónio nunca se sirva disso para nos perturbar com inquietações ou para nos desencorajar quando se produzirem as nossas inevitáveis quedas.

#### 4. Viver uma obediência filial e confiante

Para conseguir que Deus nos revele a sua vontade através das suas inspirações, é preciso começar por obedecer aos desejos de Deus que já conhecemos. Isto tem vários campos de aplicação.

Como dissemos anteriormente, cada fidelidade à graça atrai graças novas, sempre mais abundantes. Se estivermos atentos a obedecer às moções do Espírito, estas tornar-se-ão mais numerosas. E, pelo contrário, se formos negligentes, correrão o risco de se tornarem mais escassas. «*A todo aquele que tem, ser-lhe-á dado, mas àquele que não tem, até o que tem lhe será tirado*» (Lc 19, 26), diz Jesus. Este é já um primeiro princípio. Para obter mais inspirações, é preciso começar por obedecer àquelas que recebemos.

É evidente que Deus nos gratificará com novas inspirações sempre que nos vir mais fiéis no cumprimento da sua vontade quando esta se nos manifesta por outras vias: os mandamentos, os nossos deveres de estado, etc. Conhecemos múltiplas expressões da vontade de Deus sem necessidade de que sejam inspirações especiais: a vontade de Deus dá-se-nos a conhecer de um modo geral por meio dos mandamentos da Escritura, dos ensinamentos da Igreja, das exigências próprias da nossa vocação, da nossa vida profissional, etc.

Se existir em nós um desejo sincero de fidelidade em todos esses âmbitos, o Espírito de Deus favorecer-nos-á com mais moções. Se formos negligentes nos nossos deveres habituais, por muitas inspirações particulares que peçamos a Deus, poucas possibilidades teremos de que nos escute...

Não esqueçamos também aceitar por amor de Deus todas as ocasiões legítimas que se nos oferecem para viver a obediência no terreno da vida comunitária, familiar ou social. Certamente, é preciso obedecer a Deus mais do que aos homens, mas é ilusório julgarmo-nos capazes de obedecer a Deus quando somos incapazes de obedecer aos homens. Em ambos os casos, é preciso ultrapassar os mesmos obstáculos: o apego a nós próprios, à nossa vontade própria. Aquele que só obedece às pessoas se isso lhe agrada, alimenta doces ilusões quanto à sua capacidade de obedecer ao Espírito

Santo. Se eu nunca estiver disposto a renunciar à minha própria vontade (as minhas ideias, os meus gostos, as minhas preferências...) diante dos homens, que garantia tenho de ser capaz disso quando Deus mo pedir?

## 5. Viver o abandono

Por fim, não esqueçamos a forma de obediência talvez mais importante e mais descurada: é aquilo a que poderíamos chamar «*a obediência aos acontecimentos*»<sup>[20]</sup>. Em última análise, os acontecimentos da vida são a expressão mais segura da vontade de Deus, porque não correm o risco de uma interpretação subjectiva. Se Deus nos vê dóceis aos acontecimentos, capazes de aceitar serena e amorosamente aquilo que as circunstâncias da vida nos «*impõem*» com um espírito de confiança filial e de abandono à sua vontade, não há dúvida de que multiplicará para nós as manifestações mais pessoais da sua vontade através da acção do seu Espírito, que fala ao nosso coração.

E, pelo contrário, se persistirmos em rebelar-nos e endurecer-nos diante das contrariedades, esta forma de desconfiança em relação a Deus dificilmente permitirá que o Espírito Santo guie a nossa vida.

Aquilo que nos impede em grande medida de nos tornarmos santos é, sem dúvida, a nossa dificuldade em aceitar plenamente tudo o que nos acontece. Não no sentido de um fatalismo que nos tornaria completamente passivos, mas no de um abandono confiante e total nas mãos do Pai.

Quando nos confrontamos com acontecimentos dolorosos, mesmo que não nos rebelemos, sofremo-los de má vontade ou resignamo-nos passivamente. No entanto, Deus convida-nos a uma atitude mais fecunda e positiva: fazer como Santa Teresinha, que dizia: «*Eu escolhi tudo*», subentendendo-se: Eu escolho tudo aquilo que Deus quer para mim. Não me limito a sofrer, mas, por uma decisão livre da minha vontade, decido escolher aquilo que não escolhi. Santa Teresinha tem esta frase: «*Quero tudo aquilo que me contraria*»<sup>[21]</sup>. Exteriormente isto não muda em nada a situação, mas interiormente muda tudo; essa aceitação, inspirada pelo amor e pela confiança, torna-me livre, agora activo e não passivo, e permite a Deus tirar um bem de tudo aquilo que me acontece, tanto do bom como do mau.

## 6. Viver o desprendimento

Não podemos receber as moções do Espírito se estivermos endurecidos, apegados aos nossos bens, às nossas ideias, aos nossos critérios, etc. Para nos deixarmos guiar pelo Espírito de Deus, precisamos de uma grande docilidade e de uma flexibilidade que se adquirem pouco a pouco através da prática do desprendimento. Esforcemo-nos por não nos «*apegarmos*» a nada no aspecto material, afectivo ou até espiritual. Não no sentido de nos tornarmos uns «*tanto faz...*» ou de nos mostrarmos indiferentes a tudo, nem no de praticarmos uma espécie de ascese forçada para nos despojarmos de tudo aquilo que constitui a nossa vida; isso geralmente não é aquilo que o Senhor nos pede.

É preciso manter o nosso coração numa atitude de desprendimento, conservar uma espécie de liberdade, de distância e de reserva interior diante de tudo, que faça com que, se nos for impedida tal coisa, tal hábito, tal relação, tal projecto pessoal, não façamos disso um drama. Este desprendimento deve praticar-se em todos os aspectos da nossa vida. Mas, indubitavelmente, o aspecto material não é o mais importante: por vezes vemos o nosso progresso espiritual muito mais dificultado pelo apego a determinadas ideias, critérios e comportamentos próprios.

Ouçamos o conselho de um franciscano do século XVI:

«Que a vossa vontade esteja sempre preparada para qualquer eventualidade. E que o vosso coração não se escravize a nada. Quando experimentardes algum desejo, fazei-o de tal modo que não sofra em caso de fracasso, mas mantende o espírito tão tranquilo como se não tivésseis desejado coisa alguma. A verdadeira liberdade consiste em não se apegar a nada. É assim que Deus procura a vossa alma para nela realizar coisas grandiosas»<sup>[22]</sup>.

O apego ao nosso próprio «*saber*», mesmo quando traça fins que são excelentes em si mesmos, é talvez o pior obstáculo à docilidade ao Espírito Santo: um obstáculo tanto mais grave quanto costuma ser inconsciente, pois evidentemente é mais fácil não termos consciência de um apego à nossa própria vontade quando aquilo que desejamos é uma coisa boa em si; como o bem pretendido é bom, justificamo-nos querendo-o com uma obstinação que nos cega, sem nos darmos conta de que a maneira como tentamos fazer realizar a nossa ideia não corresponde obrigatoriamente aos planos de Deus.

Nunca haverá uma coincidência perfeita entre a sabedoria de Deus e a nossa, o que significa que, qualquer que seja a etapa do nosso itinerário espiritual, jamais estaremos dispensados de viver o desprendimento em relação aos nossos critérios pessoais, por mais bem intencionados que sejam.

## 7. Viver o silêncio e a paz

O Espírito de Deus é um espírito de paz, fala e actua na paz, nunca na inquietação e na agitação. Além disso, as moções do Espírito são toques delicados, que não se manifestam no estrépito, e só podem emergir na nossa consciência espiritual se nela existir uma zona de calma, de serenidade e de paz. Se o nosso interior estiver sempre ruidoso e agitado, a doce voz do Espírito Santo terá muitas dificuldades em fazer-se ouvir.

Isto significa que, se queremos perceber as moções do Espírito Santo e obedecer-lhes, adquire a maior importância o facto de procurarmos manter o nosso coração em paz em toda a ocasião.

Isto não é fácil, mas à força de lutar para adquirir a esperança em Deus, o abandono, a humildade e a aceitação das nossas misérias graças a uma confiança inabalável na misericórdia divina, chegaremos a isso passo a passo. Não queremos insistir aqui neste tema, pois já o tratámos noutra livro<sup>[23]</sup>. Mas é importante sublinhá-lo, porque se não procurarmos «*viver a paz*» em todas as circunstâncias que no-la fazem perder (e são numerosas), dificilmente seremos capazes de escutar a voz do Espírito Santo quando quiser falar ao nosso coração: impedi-lo-á a agitação que deixamos reinar nele. Como já explicámos na obra citada, quando atravessamos momentos difíceis, é muito benéfico o esforço que fazemos para permanecer em paz em toda a ocasião. Precisamente o facto de manter essa paz dar-nos-á o máximo de possibilidades de reagir a essa situação, não de um modo humano, inquieto e precipitado (que nos pode levar ao desastre), mas prestando atenção àquilo que o Espírito Santo nos possa sugerir, o que, naturalmente, será muito proveitoso. Ponhamos, pois, em prática estas palavras de São João da Cruz:

«Procure conservar o coração em paz; não o desassossegue nenhum acontecimento deste mundo<sup>[24]</sup>... *Ainda que tudo se desmorone cá em baixo e todos os acontecimentos nos sejam*

*adversos, seria inútil perturbarmo-nos, pois essa perturbação nos traria mais prejuízo do que proveito»<sup>[25]</sup>.*

E o maior desses prejuízos será o de nos tornar incapazes de obedecer aos impulsos do Espírito Santo.

Isto está unido à prática do silêncio. Um silêncio que não é um vazio, mas que é paz, atenção à presença de Deus e à presença do outro, espera confiante e esperança em Deus. Evidentemente, o excesso de ruído – não em sentido físico, mas no desse turbilhão incessante de pensamentos, de imaginações, de palavras ouvidas ou ditas nas quais costumamos deixar-nos prender, e que apenas alimentam as nossas preocupações, os nossos receios, as nossas insatisfações, etc. – deixa ao Espírito Santo muito poucas possibilidades de Se poder expressar. O silêncio não é um «vazio», mas uma atitude geral de interioridade que permite preservar no nosso coração uma «*cela interior*» (nas palavras de Santa Catarina de Sena) na qual estamos na presença de Deus e conversamos com Ele. O silêncio é exactamente o contrário da dispersão da alma para o exterior, da curiosidade, da tagarelice, etc.: é a capacidade de entrar de modo natural no nosso interior, atraídos pela presença de Deus que habita em nós.

## **8. Perseverar fielmente na oração**

Essas aptidões de que acabámos de falar, que facilitam a manifestação das moções do Espírito, só poderemos adquiri-las progressivamente, e exigem uma plena fidelidade à oração. Para nos fortalecermos na determinação de não negar coisa alguma a Deus; para viver o desprendimento, o abandono filial e confiante; para aprender a amar o silêncio e a interioridade; para descobrir esse «*lugar do coração*» ao qual o Espírito nos convoca docemente, a oração é indispensável. Não queremos falar aqui dela, pois já o fizemos extensamente noutra lugar<sup>[26]</sup>, mas é necessário recordar o quanto é proveitoso dedicar, fiel e regularmente, um tempo a esta prática da silenciosa oração pessoal que o próprio Jesus nos recomenda: «*Quando te puseres a orar, entra no teu quarto e, fechada a porta, ora a teu Pai, que está no oculto*» (Mt 6, 6).

## **9. Examinar os movimentos do nosso coração**

Onde nascem essas inspirações da graça? Não nascem na nossa imaginação ou na nossa cabeça, mas surgem no mais íntimo do nosso coração. Para as reconhecer, é preciso estarmos atentos ao que se passa nele, aos «*movimentos*» que podemos detectar no seu interior, e saber distinguir se esses movimentos provêm da nossa natureza, da acção do demónio ou da influência do Espírito Santo. Mais adiante trataremos dessa distinção. Por agora queremos dizer isto: se atendermos a todos os conselhos citados anteriormente, obteremos a capacidade de estar atentos ao que acontece no nível mais profundo e mais importante do nosso interior: um nível em que nem sempre existe agitação, mas que é o íntimo lugar do coração do qual vamos tomando consciência pouco a pouco, e onde o Espírito faz nascer as suas moções.

Aprendendo a advertir os diversos movimentos da nossa alma, aprenderemos também a reconhecer as moções do Espírito Santo. Isso não significa que devamos cair numa espécie de introspecção psicológica contínua, inquieta e forçada, que poderia centrar-nos em nós mesmos, ou fazer de nós um brinquedo do vaivém de emoções e pensamentos que não conduzem a nada de bom.

Trata-se de viver numa tal disposição habitual de desejo de Deus, de paz, de oração, de atenção ao que acontece em nós que, se fizer surgir no nosso interior algum movimento da graça, ele não seja sufocado nem se perca no «*ruído de fundo*» de outras solicitações ou emoções, mas possa aflorar à nossa consciência e ser reconhecido como uma inspiração divina.

Isso exige uma espécie de vigilância que nos obriga a examinar de vez em quando aquilo que nos move, aquilo que nos impele a fazer certas coisas em vez de outras. Esta vigilância torna-nos capazes de perceber em nós uma diversidade de movimentos.

Alguns deles são movimentos «*desordenados*», isto é, tendências para dizer ou fazer alguma coisa cuja origem não é sã.

Com efeito, frequentemente sentimo-nos movidos pelo medo, pelo ressentimento, pela cólera, pela agressividade, pela necessidade de nos fazermos notar ou admirar pelos outros, pela sensualidade, etc. Essas moções «*desordenadas*» podem proceder da nossa «*natureza corrompida*»,

como se dizia antigamente; hoje diríamos que provêm das nossas «feridas», o que vem a ser o mesmo. Também podem vir do demónio e, nesse caso, trata-se de tentações. E, pelo contrário, por vezes vemo-nos impelidos por movimentos bons, como um desejo sincero e desinteressado de ajudar alguém. Esses movimentos bons podem ter uma origem natural (nem tudo está corrompido em nós!) ou sobrenatural, isto é, ser fruto da actuação da graça divina na nossa alma de um modo não necessariamente consciente. Notemos também que alguns movimentos aparentemente bons (cujo fim parece bom) podem não o ser na realidade, e provir do demónio, que é astuto e que, por vezes, nos impele a fazer algo que parece bom, mas que, de facto, é contrário à vontade de Deus e cujos resultados seriam negativos na nossa vida.

O clima de interioridade de que falamos ajuda-nos a perceber a diversidade desses movimentos, da sua origem, dos seus efeitos: por exemplo, aqueles que deixam em nós alegria e paz, e aqueles que, pelo contrário, suscitam inquietação e tristeza, etc.

Este exame do nosso coração ajudar-nos-á especialmente a tomar consciência de certos movimentos que surgem no nosso interior de vez em quando e que, com um pouco de experiência, chegaremos a ser capazes de identificar como convites do Espírito Santo, que nos impele a fazer (ou não fazer) determinadas coisas; referimo-nos a inspirações da graça, e à importância que tem segui-las, pois são muito fecundas para o nosso progresso espiritual e muito valiosas para nos ajudarem no serviço de Deus e do próximo. Estas inspirações podem ser mais ou menos abundantes; isso depende de Deus.

Contudo, será melhor não as deixar perder, pois abrem-nos à acção do «*Espírito Santo que vem em auxílio da nossa fraqueza*» (Rom 8, 26).

## **10. Abrir o coração a um director espiritual**

Se tivermos a possibilidade de abrir o nosso coração a uma pessoa que nos possa aconselhar espiritualmente, facilitar-se-á extraordinariamente o discernimento da acção do Espírito Santo. Frequentemente, não somos capazes de ver com clareza em nós mesmos, nas nossas motivações, etc., e

explicando por palavras aquilo que estamos a viver, conseguiremos luz através do diálogo com uma pessoa que tenha alguma experiência.

Sabemos que Deus «*abençoa*» a atitude de abrir o coração. Com efeito, é uma atitude de humildade (reconhecemos que não nos bastamos a nós mesmos) e de confiança no outro; além disso, dá provas de que, uma vez que pomos os meios, é realmente sincero o nosso desejo de ver claro para cumprir a vontade de Deus. Estas disposições agradam muito a Deus, que não deixa de responder-lhes com as suas graças. É preciso pedir insistentemente ao Senhor que nos proporcione alguém a quem abrir o nosso coração, e aproveitar as ocasiões que nos concede para este fim, o que em certas circunstâncias exige coragem. Não desesperemos, contudo, se, sem culpa da nossa parte, não o conseguirmos facilmente. Se não encontrarmos um pai espiritual apesar de o procurarmos sinceramente, não nos preocupemos: Deus proverá de outro modo.

Acrescentemos que não devemos descurar a confissão frequente: mesmo quando não chega a tornar-se uma direcção espiritual, é também um caminho de purificação do coração e de luz para compreender aquilo que se passa na nossa alma.

### **III - COMO SE RECONHECE QUE UMA INSPIRAÇÃO PROCEDE DE DEUS?**

Chegamos agora à questão mais delicada. Nessa confusa e frequente multidão de pensamentos, emoções e sensações que nos habitam interiormente, como reconhecer as inspirações que têm a sua origem em Deus? Como identificar aquilo que vem do Espírito Santo sem o confundir com aquilo que talvez seja fruto da nossa imaginação, da auto-sugestão, ou das tentações do demónio, etc.?

Evidentemente, não existe uma resposta automática. O nosso «eu», e as diferentes influências de ordem psicológica ou espiritual que actuam sobre ele, formam um universo demasiado complexo para reduzir o discernimento das moções do Espírito Santo a algumas regras que bastaria aplicar mecanicamente.

Contudo, podemos fazer algumas reflexões e formular certos critérios que nos permitam orientar-nos. Estes critérios não nos farão atingir uma infalibilidade que não existe nesta matéria, embora bastem para seguir em frente (mesmo se por vezes o fazemos às apalpadelas) e para tornar possível uma colaboração cada vez mais estreita entre a nossa liberdade e a graça divina.

#### **1. A aquisição progressiva de um «sentido espiritual»**

Antes de passarmos em revista os critérios que nos permitam identificar as moções do Espírito, desejaríamos fazer uma importante precisão.

Em definitivo, aquilo que nos permitirá reconhecer com maior facilidade e prontidão as moções divinas e corresponder-lhes, é o desenvolvimento em nós de uma espécie de «sentido espiritual» que é inexistente ou muito rude no começo da vida, mas que pode aperfeiçoar-se muito graças à experiência, e sobretudo à fidelidade no nosso firme caminhar em seguimento do Senhor<sup>[27]</sup>.

Este «ouvido espiritual» é uma espécie de aptidão para descobrir a voz única e reconhecível de Jesus entre todas as múltiplas e discordantes vozes que se fazem ouvir no interior de nós mesmos. Esse sentido é como uma

familiaridade amorosa, que nos faz distinguir, cada vez com maior facilidade, a voz do Esposo no meio do concerto de sons que se apresentam aos nossos ouvidos.

O Espírito Santo utiliza um «*tom de voz*» para cada um, um timbre que Lhe é próprio, com uma doçura e uma força, uma pureza e uma clareza especial que, quando estamos habituados a ouvi-lo, nos permitem reconhecê-lo quase com toda a segurança. Naturalmente, o demónio, «*macaco imitador de Deus*», tentará por vezes imitar a voz do Esposo. Mas se, graças a essa familiaridade amorosa e à procura constante e pura da vontade divina, estivermos realmente habituados a ela, reconheceremos facilmente a outra que, por mais bem imitada que esteja, «*desafina*» em algum ponto e, portanto, não é a voz de Deus.

No Evangelho de João, Jesus promete-nos que o Espírito Santo nos será dado progressivamente. Falando de Si mesmo como do Bom Pastor, diz: «... *as ovelhas seguem-me porque conhecem a minha voz. Mas não seguem um estranho; fogem dele, porque não conhecem a voz dos estranhos*» (Jo 10, 4-5).

## **2. Critérios que permitem dizer que uma inspiração vem de Deus**

Este «*sentido espiritual*» precisa de apoiar-se em critérios de discernimento para se formar progressivamente.

### **2.1. Critério externo: Deus não Se contradiz**

Existem um certo número de critérios, que poderíamos chamar «*externos*», aos quais as inspirações devem ajustar-se para podermos identificá-las como vindas de Deus; em especial, esses critérios permitem eliminar, como não procedentes de Deus, algumas pseudo-inspirações que se nos apresentam.

Estes critérios decorrem simplesmente da coerência de Deus: o Espírito Santo não pode inspirar-nos algo que seja contraditório com a sua vontade, tal como ela se exprime pelos meios mais habituais: a Palavra de Deus, o ensinamento da Igreja e as exigências da nossa vocação.

## **2.2. Coerência com a Sagrada Escritura e o ensinamento da Igreja**

Uma inspiração divina não pode incitar-nos a fazer algo que esteja em contradição com aquilo que a Palavra de Deus nos ensina e pede. E não uma palavra de Deus entregue à fantástica interpretação de cada um, mas a Sagrada Escritura tal como nos foi transmitida e explicada pelo magistério da Igreja. Por exemplo, uma inspiração não pode pedir-me que realize actos que a Igreja considera imorais.

Consequentemente, as autênticas inspirações irão sempre no sentido de um espírito de obediência à Igreja. Indubitavelmente, não seria de inspiração divina o comportamento de um religioso que desobedecesse aos seus superiores, ou de um bispo ao Santo Padre, ainda que o fim fosse louvável em si mesmo. «*Quando Deus lança as suas inspirações num coração, a primeira que Ele comunica é a da obediência*»<sup>[28]</sup>, diz São Francisco de Sales.

## **2.3. Coerência com as exigências da minha própria vocação**

Da minha vocação particular (como pessoa casada, consagrada, pai, sacerdote, etc.) e das circunstâncias da minha vida (obrigações profissionais, etc.) deriva todo um conjunto de exigências que constituem a vontade de Deus para mim. Uma inspiração não pode pedir-me algo que esteja em manifesta contradição com aquilo a que antigamente se chamava «*os deveres de estado*». O Espírito Santo pode incitar uma mãe de família a preocupar-se um pouco menos com as tarefas domésticas para dedicar algum tempo à oração, mas se lhe sugerisse que empregasse tanto tempo na oração ao ponto de o marido e os filhos chegarem a sofrer com isso, haveria que colocar algumas perguntas. As inspirações dirigem-se para o cumprimento dos deveres de estado, não desviam deles; pelo contrário, facilitam a sua realização.

Este critério costuma ter campos de aplicação algo delicados, pois o limite traçado pelos nossos deveres de estado apresenta uma certa margem de flexibilidade. A contradição entre os deveres de estado e certas inspirações pode por vezes ser mais aparente do que real. A história da Igreja apresenta casos-limite neste domínio: São Nicolau de Flüe abandonando a sua família, ou Santa Joana de Chantal passando por cima

de um dos seus filhos, deitado diante da porta para a impedir de obedecer ao chamamento de fundar a Visitação. Mas estas decisões não eram fruto da obstinação: tinham sido amadurecidas profundamente na oração, na meditação, e submetidas ao critério de um director espiritual.

Acontece frequentemente que os nossos deveres familiares ou profissionais sejam um cómodo pretexto para não obedecer às inspirações do Espírito Santo, mas este critério de coerência entre elas e as exigências próprias da nossa condição é importante, e o facto de o tomar em consideração pode evitar numerosas ilusões espirituais.

#### **2.4. Critério interno: a árvore conhece-se pelo fruto**

O critério de discernimento mais importante é aquele que o próprio Jesus nos dá no Evangelho: «*A árvore conhece-se pelo seu fruto*» (Mt 12, 33). Se obedecermos, a inspiração divina será fecunda e dará bons frutos: frutos de paz, de alegria, de caridade, de unidade, de humildade... Uma inspiração que procede da nossa carne ou do demónio será estéril, isto é, dará frutos negativos: tristeza, amargura, soberba, etc.

Este critério é muito importante, mas apresenta um grave inconveniente: só se aplica depois dos resultados! Uma vez tomada a decisão e levada à prática, avaliamos as suas consequências. Contudo, na prática, preferiríamos evidentemente ter critérios que nos permitissem evitar os erros e, portanto, saber se uma inspiração é de Deus ou não, antes de a adoptarmos.

Apesar do inconveniente citado, este critério não é totalmente inútil. Em primeiro lugar, porque permite adquirir experiência. E depois, porque mesmo antes de pôr em prática a decisão, já se podem manifestar alguns frutos no nosso interior (frutos de paz, de alegria, etc.).

#### **2.5. Adquirir a experiência**

Dissemos anteriormente que a nossa capacidade concreta para reconhecer as moções do Espírito provém da aquisição de uma espécie de «*sentido espiritual*». Este último é um dom de Deus, mas desenvolve-se e consolida-se também graças à experiência.

Ao constatarmos o resultado obtido após certas decisões fruto daquilo que pensamos serem inspirações, frequentemente estaremos em condições de nos aperceber se a nossa «*ideia*» procedia de Deus ou se era apenas produto da nossa psicologia. Isso nem sempre é agradável para o nosso orgulho; não gostamos muito de reconhecer que nos enganámos. Mas é preciso passar por isso...

Devemos saber que, na vida espiritual, mesmo se estamos cheios de boa vontade e seguros de que Deus nos assiste com grande fidelidade, em caso algum estamos dispensados da experiência de uma certa aprendizagem que implica tentativas, êxitos e erros. Deus quis que as coisas fossem assim; é uma lei humana da qual ninguém está isento, nem sequer a pessoa mais espiritual. Se, confiando que tudo é graça, recebermos com humildade as lições da experiência e continuarmos em frente sem desanimar, criar-se-á em nós uma maior segurança de juízo que nunca chegará à infalibilidade, infalibilidade que não existe neste mundo inferior<sup>[29]</sup>.

Assim, a experiência dos resultados objectivos, das confirmações ou invalidações fruto dos factos, bem como do estado interior em que nos deixam algumas das nossas decisões (se nos deixam serenos, humildes e alegres, ou se nos deixam tristes, inquietos, tensos...), permitir-nos-á aprender a distinguir melhor aquilo que vem de Deus e aquilo que vem do demónio, de nós mesmos, dos nossos traços de carácter, das nossas inclinações, etc.

## **2.6. Discernimento dos espíritos**

A experiência da Igreja e dos santos<sup>[30]</sup> exprime uma lei geral: aquilo que vem do Espírito traz consigo alegria, paz, tranquilidade de espírito, doçura, simplicidade e luz. Pelo contrário, aquilo que vem do espírito do mal acarreta tristeza, desconcerto, inquietação, agitação, confusão e trevas. Esses sinais de bom e de mau espírito são certos em si mesmos. A paz, a alegria, etc., são frutos seguros do Espírito Santo, pois o demónio é incapaz de os provocar de modo duradouro. Pelo contrário, o desconcerto e a tristeza são provas certas do mau espírito, pois o Espírito Santo não pode ser a sua origem<sup>[31]</sup>.

Entre todos esses sinais de bom e de mau espírito, o mais característico é aquele que se refere à paz. O Espírito de Deus produz inevitavelmente paz na alma; o demônio produz inevitavelmente inquietação.

Contudo, na prática, as coisas são mais complexas. Uma inspiração pode vir de Deus e, no entanto, suscitar em nós um grande desconcerto. Mas esse desconcerto não tem a sua origem na inspiração, que em si mesma (como tudo o que procede do Espírito de Deus) é doce e pacífica: procede da nossa resistência a ela. Uma vez que a recebemos e deixamos de lhe opor essa resistência, o nosso coração encontra-se então imerso numa profunda paz.

É uma situação muito frequente. Algumas inspirações da graça, quando nos dizem respeito, chocam em nós com resistências mais ou menos conscientes e profundas, despertam receios humanos, reavivam o apego a certos hábitos, etc. Inquieta-nos a perspectiva de pôr em prática aquilo que o Espírito Santo sugere: como hei-de consegui-lo? O que pensarão os outros? Terei a força necessária?, etc.

Para o descrever podemos utilizar uma imagem: a de um grande rio tranquilo em si mesmo, mas no qual se produzem remoinhos e turbilhões quando encontra obstáculos.

Quando uma inspiração vem realmente de Deus, e fazemos calar os nossos receios aceitando-a de todo o coração, então a paz invade-nos inevitavelmente: o Espírito Santo nunca deixa de conceder essa paz àquele que se deixa guiar por Ele. Por vezes, esta paz pode residir apenas «*na extremidade mais fina da alma*», enquanto no plano humano e psicológico subsistem perguntas e inquietações; mas a paz está lá, e é reconhecível.

E, pelo contrário, se uma inspiração vem do demônio ou daquilo que em nós há de mau (ambições, egoísmo, necessidade exagerada de sermos apreciados, etc.), e lhe damos consentimento, jamais poderá deixar o nosso coração numa paz completa e profunda. Essa paz será apenas aparente, e bastará muito pouco para que desapareça dando lugar à confusão. Podemos negar essa confusão, podemos reprimi-la no fundo da consciência, mas ela está lá, pronta a ressurgir quando chegar a hora da verdade.

Sublinhemos, pois, este ponto importante: *uma inspiração divina pode desconcertar-nos num primeiro momento, mas na medida em que não a rejeitamos, antes nos abrimos a ela e a aceitamos, pouco a pouco infundir-nos-á paz.*

Esta é uma lei básica, aplicável em «*situações normais*» da vida espiritual àquele que está sinceramente disposto a fazer a vontade de Deus em todas as coisas. Contudo, a vida espiritual e a interacção entre o espiritual e o psicológico são realidades complexas, e assim podem apresentar-se situações de provação, de temperamentos psicológicos peculiares que tornam difícil a aplicação prática deste critério. Mas ele continua a ser fundamental, e encontramos-lo em toda a tradição da Igreja.

## **2.7. Sinais complementares: constância e humildade**

Uma das características do Espírito de Deus é a constância. Pelo contrário, aquilo que vem da nossa carne ou do espírito mau é instável e variável. Sabemos que nada há de mais inconstante do que o nosso humor ou os nossos caprichos. E o mesmo acontece com o demónio: impele-nos numa direcção, depois noutra, põe-nos na mente a ideia de abandonar um projecto para empreender um novo, de modo que no final não façamos absolutamente nada. Uma das estratégias frequentes que ele põe em prática para nos impedir de levar a cabo um bom propósito consiste em fazer-nos seduzir por outro que consideramos melhor, com o objectivo de nos afastar do primeiro. E, pelo contrário, as inspirações divinas são estáveis e constantes. Por isso, como regra geral, convém não obedecer demasiado rapidamente a uma inspiração (sobretudo em assuntos importantes), a fim de verificar se ela não desaparece completamente ao fim de certo tempo, o que será uma prova de que não provém de Deus.

Outra característica do Espírito de Deus consiste em que, ao iluminar-nos e impelir-nos a agir, imprime na alma uma profunda humildade. Faz-nos praticar o bem de tal modo que nos sintamos felizes ao fazê-lo, mas sem presunção, sem vanglória nem auto-satisfação. Percebemos claramente que o bem que realizamos não vem de nós mesmos, mas vem de Deus.

Quando agimos movidos pelo Espírito Santo, pode haver nisso (porque somos humanos) um ponto de vanglória que vem «*parasitar-nos*» e contra

o qual devemos defender-nos, mas no fundo vemos claramente que não somos mais do que fragilidade, que todo o bem que podemos realizar procede de Deus e que não temos motivo para nos orgulharmos. Esta autêntica humildade não aparece naquele que actua por impulso da sua carne ou do demónio. E não esqueçamos que, na prática, uma das provas mais seguras de humildade é o espírito de obediência.

Em conclusão, podemos dizer que as inspirações divinas se reconhecem nisto: infundem-nos paz, não são variáveis e imprimem em nós sentimentos de humildade.

Façamos agora algumas reflexões complementares sobre o tema do discernimento da vontade de Deus.

## **2.8. É sempre a vontade de Deus aquilo que mais custa?**

Evidentemente, a vontade de Deus e, em consequência, as inspirações da sua graça, costumam ir em sentido contrário às nossas tendências imediatas, na medida em que frequentemente são desejos de um conforto egoísta, de facilidade, de preguiça, etc.; São João da Cruz diz-nos numa célebre passagem:

«Que a alma se aplique sem cessar não ao mais fácil, mas ao mais difícil, (...) não ao mais agradável, mas antes àquilo que dá menos gosto»<sup>[32]</sup>.

Ao dizer isto, ele não está errado, sempre dentro do contexto em que se exprime. Mas não deveríamos interpretar erradamente tais máximas, e tomar como uma lei sistemática para descobrir a vontade de Deus o princípio de que, numa determinada situação, aquilo que Ele nos pede será sempre o mais difícil. Isso faria cair-nos num voluntarismo ascético exagerado que nada tem a ver com a liberdade do Espírito Santo.

Podemos até acrescentar que a ideia de que Deus pede sempre e constantemente aquilo que mais custa é tipicamente o género de pensamento que o demónio insinua para nos desanimar e afastar de Deus.

Deus é um Pai, certamente exigente porque nos ama e nos convida a dar-Lhe tudo, mas não é um verdugo. Com grande frequência deixa-nos

livres. Quando nos exige alguma coisa, é para nos fazer crescer no seu amor. O único mandamento é o de amar. Pode sofrer-se por amor, mas também se pode gozar e descansar por amor... O facto de representarmos a vida sob a guia de Deus como algo asfixiante, em completa e permanente contradição com todas as nossas aspirações, mesmo as mais legítimas, é uma armadilha da nossa imaginação ou do demónio.

Deus não tem por objectivo complicar-nos a vida mas, em definitivo, simplificá-la. A docilidade a Deus liberta e alarga o coração. Por isso, Jesus, que nos convida a renunciar a nós mesmos para tomar a nossa cruz e segui-Lo, diz-nos: «*O meu jugo é suave e o meu fardo leve*» (Mt 11, 30). Embora por vezes nos custe obedecer à vontade de Deus, sobretudo no princípio, cumpri-la com amor acaba por nos encher de alegria, e pode dizer-se que existe um verdadeiro prazer em realizar o bem que Deus nos inspira. Quanto mais caminharmos na docilidade ao Espírito Santo, menos dolorosa será a nossa adesão à vontade divina, pois tornar-se-á mais livre e espontânea. «*Faz-me caminhar pela senda dos teus mandamentos, porque nela encontro o meu prazer*», diz o Salmo<sup>[33]</sup>.

A vida é feita de provações, isso é certo, mas se continuamente nos sentimos tristes e desgraçados num determinado caminho, teremos de colocar seriamente a questão de saber se estamos no caminho adequado, ou se nos estamos a impor fardos que Deus não nos envia. O critério de discernimento de uma vocação é sentirmo-nos felizes nela. Pensar, como fazem alguns escrupulosos ou certos falsos ascetas, que aquilo que Deus nos pede em todas as circunstâncias é forçosamente o mais difícil, pode falsear extraordinariamente os nossos juízos, e é importante termos consciência de que o demónio se pode servir disso para nos confundir.

Gostaria de contar um facto. Como a toda a gente, acontece-me de vez em quando o seguinte: quando, depois de um dia bastante cansativo, vou deitar-me, encantado por me meter na cama que me espera, percebo uma ligeira sensação interior que me diz: «*Não quererias entrar um momento na capela para Me fazer companhia?*». Após alguns instantes de desconcerto e resistência, do género: «*Jesus, exageras, estou cansado, e se não tiver a minha dose de sono, amanhã estarei mal-humorado!*», acabo por consentir e por passar alguns momentos com Jesus. Depois vou dormir em paz e

muito contente, e no dia seguinte não acordo mais cansado do que o habitual. Obrigado, Senhor, era a tua vontade, aí estão os frutos.

Contudo, por vezes acontece-me o contrário. Diante de um problema grave que me preocupa, digo para comigo: esta noite rezarei durante uma hora na capela para que ele se resolva. E ao dirigir-me para essa capela, uma voz diz-me no fundo do coração: «*Sabes?, agradar-Me-ia mais que fosses imediatamente deitar-te e confiasses em Mim; Eu ocupo-Me do teu problema*». E recordando-me a minha feliz condição de «*servo inútil*», vou dormir em paz, abandonando tudo nas mãos do Senhor...

Tudo isto quer dizer que a vontade de Deus está onde existe o máximo de amor, mas não forçosamente onde existe o máximo de sofrimento... Há mais amor em descansar graças à confiança do que em angustiar-se por inquietação!

## **2.9. Diferentes comportamentos segundo a importância das inspirações**

Para sabermos como devemos comportar-nos em relação àquilo que pensamos serem inspirações divinas, é preciso ter em conta um aspecto que ainda não abordámos aqui: o objecto dessas inspirações e a sua maior ou menor importância.

O Senhor pode inspirar-me a distribuir os meus bens pelos pobres e partir para o deserto, imitando assim Santo Antão o Grande, da mesma forma que pode inspirar-me coisas insignificantes como o exemplo que acabámos de dar.

Certamente, e já o dissemos, é importante esforçarmo-nos por não descurar qualquer inspiração. Uma coisa que nos parece insignificante pode ter um alcance maior do que pensamos. Recordo que um dia, pregando um retiro, lutei esforçadamente antes de obedecer a uma moção que me impelia a convidar os participantes a venerarem, durante a recitação do rosário, a cruz que as crianças tinham deixado ali coberta de flores (dizia para comigo «*vai durar demasiado, não é o momento*», etc.). Ao longo da cerimónia, uma pessoa ficou curada de um grave problema na coluna vertebral.

Além disso, como já dissemos, por vezes uma mínima obediência a Deus pode alcançar-nos um progresso espiritual maior do que aquele que conseguimos, por vezes, após anos de esforços que nós próprios fixámos. A fidelidade às pequenas graças atrai as grandes.

Dito isto, é evidente que é preciso tratar as inspirações de modo diferente segundo a sua importância. Como diz São Francisco de Sales<sup>[34]</sup>, não se contam da mesma maneira as moedas e os lingotes de ouro. Enquanto estes últimos devem ser pesados com precisão, não seria prudente tomar precauções e gastar um tempo desproporcionado para avaliar as primeiras.

Comentemos de passagem que, em certo sentido, muitas moções do Espírito não necessitam de deliberação: frequentemente trata-se de um movimento interior que nos facilita o cumprimento de algo que, de qualquer modo, deveríamos fazer. Sinto rancor em relação a alguém, e vejo-me inclinado a perdoar. Chegou a hora da missa, e sinto-me tentado a entreter-me num trabalho urgente, o que me obrigaria a chegar atrasado, e percebo uma moção que me impele a deixar tudo em suspenso para ir à capela. Não há mais nada a fazer senão obedecer a esse movimento, porque evidentemente é um bom movimento... Tal como o demónio nos tenta, o Espírito Santo, em sentido contrário, chama-nos, estimula-nos, desperta-nos interiormente para facilitar o cumprimento daquilo que Deus deseja de nós. E sem dúvida fá-lo-ia ainda melhor se estivéssemos mais atentos e mais obedientes às suas moções. Escutemos São Francisco de Sales:

«Sem a inspiração, as nossas almas viveriam uma vida preguiçosa, parálitica e inútil; mas à chegada dos divinos raios da inspiração, sentimos uma luz misturada com um calor vivificante, a qual ilumina o nosso entendimento, e desperta e anima a nossa vontade, dando-nos força para querer e fazer o bem que se refere à salvação eterna»<sup>[35]</sup>.

Há ocasiões em que uma moção nos chama a algo de pouco habitual, que não entra no decorrer normal das nossas actividades, sem por isso ter uma importância extrema. Já demos alguns exemplos. O Senhor impele-me para um acto de caridade, um serviço, um momento de oração, um pequeno sacrifício, um gesto de humildade, etc. Nesses casos, é preciso avaliar rapidamente a situação. Se nos parece razoável, compatível com as nossas obrigações, se (segundo a experiência que temos da pedagogia de Deus a

nosso respeito) nos parece bem e reconhecemos a voz de Jesus, e se, enfim, quanto mais aceitamos mais em paz nos sentimos, então não resta mais do que pô-la em prática. Se nos tivermos enganado e imediatamente compreendermos que se tratava de um movimento de vanglória, de presunção ou de uma ideia que nós próprios formámos, isso não será uma catástrofe: servirá para a nossa educação espiritual. E, além disso, Deus não nos levará isso em conta.

Quando, pelo contrário, recebemos um chamamento para factos mais importantes, como uma vocação ou uma mudança de orientação na nossa vida, opções que podem ter graves repercussões sobre os outros ou que nos conduziriam a fazer coisas que vão claramente para além da regra de vida habitual da nossa vocação, então é indispensável não tomar decisões antes de consultar essa inspiração com um director espiritual ou com um superior. Esta obediência agrada a Deus, embora por vezes possa aparentemente atrasar o cumprimento de coisas que Ele mesmo nos pede. Deus prefere a prudência e a submissão à precipitação.

Pelo contrário, é muito provável que, sem esta obediência, depressa nos tornemos brinquedos do demónio que, ao ver a nossa precipitação em seguir inspirações sem as consultar com alguém quando isso é necessário, muito rapidamente nos enganará e nos conduzirá pouco a pouco a fazer coisas que nada terão a ver com a vontade de Deus.

Na maior parte das ocasiões, em caso de dúvida sobre a nossa futura conduta, o melhor será abrirmo-nos a uma ou várias pessoas da nossa confiança e obedecer aos seus conselhos (se não tivermos motivos decisivos para agir de outro modo), em vez de multiplicarmos reflexões e ponderações pessoais que correm o risco de nos fazer andar às voltas sobre o mesmo e, mais do que qualquer outra coisa, aumentar a nossa confusão.

## **2.10. E quando não somos fiéis à graça?**

Já insistimos na importância de não desprezar nenhuma das inspirações divinas, pois isso poderia levar-nos a uma atitude de temor, um temor que, perante a nossa resistência em acolher essas inspirações, pode ter consequências irremediáveis na nossa vida com o Senhor.

Insistimos nisto para sublinhar a importância desse modo de colaboração com aquilo que Deus opera na nossa vida e para nos tornar atentos a ele, mas isso não tem por objectivo suscitar um temor que inquiete e desencoraje. Devemos fazer tudo o que for possível para evitar a infidelidade, mas saber ao mesmo tempo que ela não é irremediável quando nos surpreende.

O Senhor está sempre disposto a levantar-nos quando caímos e, se depois dessas quedas nos voltarmos para Ele com um coração humilde e confiante, encontra maneira de transformar essas quedas em bens. Cada vez que nos dermos conta de que, por superficialidade, falta de atenção ou cobardia, abafámos ou desprezámos alguma inspiração, não desanimemos. Peçamos sinceramente perdão ao Senhor, aproveitemos a circunstância para nos humilharmos e reconhecermos a pobreza da nossa virtude, e supliquemo-Lhe que nos «castigue» concedendo-nos um aumento de fidelidade que nos faça recuperar as graças perdidas!

Para Deus nada é impossível... Se esperarmos d'Ele com a confiança audaz das crianças, Ele conceder-nos-á essas graças...

## CONCLUSÃO

Até agora enumerámos algumas condições que permitem a manifestação das inspirações divinas na nossa vida e até a sua multiplicação, de modo que possamos viver cada vez mais movidos e guiados pelo Espírito Santo.

Este trabalho ficaria incompleto se omitíssemos algumas palavras que sirvam de conclusão.

Trata-se do amor filial pela Virgem Maria. Entre todas as criaturas, Maria é aquela que mais viveu sob a sombra do Espírito Santo<sup>[36]</sup>; toda a sua vida foi uma obediência perfeita às operações do Espírito nela, obediência essa que a conduziu a um amor cada vez mais ardente e elevado. No anexo poderemos ler o belo texto de São Francisco de Sales no qual nos dá a conhecer como, não encontrando o Espírito Santo qualquer resistência, o amor em Maria crescia incessantemente.

Maria é nossa mãe na ordem da graça. Como tal, comunica-nos a plenitude de graça que lhe é própria. E eu creio que entre os dons que Maria concede àqueles que se consideram seus filhos e que a *«levam para sua casa»* seguindo o exemplo do discípulo amado<sup>[37]</sup>, o mais valioso é a participação na sua total disponibilidade à graça, na sua capacidade de nos deixarmos mover pelo Espírito Santo sem opor resistência. Maria comunica-nos a sua humildade, a sua confiança em Deus, a sua entrega completa à vontade divina, o seu silêncio, a sua atenção interior ao Espírito...

O que quer dizer que um dos meios mais seguros para pôr pouco a pouco em prática as indicações desta pequena obra é confiar à Virgem toda a nossa vida espiritual. Ela ensinar-nos-á aquilo que viveu tão perfeitamente: reconhecer com segurança, acolher com plena confiança e pôr em prática com total fidelidade todos os apelos da graça através dos quais Deus opera nas nossas vidas, assim como operou na da sua humilde serva, maravilhas de amor.

## ORAÇÃO DO CARDEAL MERCIER

«Vou revelar-vos um segredo de santidade e de felicidade. Se todos os dias deixardes repousar a vossa imaginação durante cinco minutos, fechardes os olhos a todas as coisas dos sentidos e os ouvidos a todos os ruídos da terra, de modo a serdes capazes de vos recolher no santuário da vossa alma baptizada, que é templo do Espírito Santo, e falando ao Espírito Santo Lhe disserdes:

*Espírito Santo, alma da minha alma,  
adoro-Te, ilumina-me, guia-me,  
fortalece-me e consola-me  
Diz-me tudo o que devo fazer  
e manda-me fazê-lo.  
Prometo submeter-me  
a tudo o que me pedires  
e aceitar tudo o que permitires  
que me aconteça.  
Indica-me somente qual é a tua vontade!*

a vossa vida decorrerá alegre e serena, abundará a consolação mesmo no meio das tribulações, pois a graça vos será concedida na proporção das provas, juntamente com a força para as suportar, conduzindo-vos até às portas do Paraíso, cheios de merecimentos. Esta submissão ao Espírito Santo é o segredo da santidade».

## ANEXO 1

### TEXTOS DE LOUIS LALLEMANT (1587-1635)

O padre Lallemant é uma das grandes figuras da Companhia de Jesus em França no século XVII. Encarregado do «*terceiro ano*» (último ano de formação dos jesuítas), teve como alunos santos como Isaac Jogues e João de Brébeuf, mártires no Canadá. O núcleo da sua doutrina espiritual era a docilidade ao Espírito Santo, acompanhada da purificação do coração, ou prática do desapego, que permite esta docilidade. As notas das suas conferências estão reunidas num livro<sup>[38]</sup> do qual citamos os seguintes extractos:

#### **1. Natureza da docilidade ao Espírito Santo**

Quando uma alma se abandona à direcção do Espírito Santo, Ele eleva-a pouco a pouco e governa-a. Ao princípio, não sabe para onde vai, mas uma luz interior ilumina-a lentamente, deixando-lhe ver todas as suas acções e o governo de Deus nelas, de tal maneira que quase não tem mais do que deixar Deus fazer nela e por ela o que Lhe apraz; assim avança maravilhosamente.

Temos uma imagem da direcção do Espírito Santo naquela que Deus teve com os israelitas à saída do Egipto, durante a sua viagem pelo deserto para chegarem à terra da promessa. Para os conduzir, deu-lhes uma coluna de nuvem durante o dia e, durante a noite, uma coluna de fogo. Eles seguiam o movimento dessa coluna e detinham-se quando ela se detinha; nunca se adiantavam a ela, limitavam-se a segui-la e jamais se separavam dela. Assim é que nos devemos comportar em relação ao Espírito Santo.

#### **2. Meios para alcançar essa docilidade**

Os principais meios para alcançar esta direcção do Espírito Santo são os seguintes:

1. Obedecer fielmente aos desígnios de Deus, que já nos guiam. Não conhecemos alguns deles porque somos ignorantes, mas Deus apenas nos pedirá contas dos conhecimentos que nos concedeu. Façamos bom uso deles e dar-nos-á outros novos. Obedecemos aos desígnios que já nos fez conhecer, e depois manifestar-nos-á outros.

2. Renovar frequentemente o bom propósito de seguir em todas as coisas a vontade de Deus, e firmarmo-nos nesta resolução tanto quanto possível.

3. Pedir incessantemente essa luz e essa força do Espírito Santo para obedecer aos desígnios de Deus; prendamo-nos ao Espírito Santo e unamo-nos a Ele, como dizia São Paulo aos sacerdotes de Éfeso: «*Ligado pelo Espírito Santo, vou para Jerusalém*» (Act 2, 22). Sobretudo, quando mudam circunstâncias importantes, pedir a Deus as luzes do Espírito Santo e assegurar-Lhe sinceramente que não desejamos outra coisa senão fazer a sua vontade. Depois, se não nos conceder novas luzes, faremos como até agora aquilo que costumamos fazer, e que nos parecerá sempre o melhor...

4. Observar atentamente os diversos movimentos da nossa alma. Com este método, chegaremos a conhecer pouco a pouco o que vem de Deus e o que não vem d'Ele. Numa alma obediente à graça, o que vem de Deus é sereno e tranquilo. O que vem do demónio é violento e traz consigo a inquietação e a ansiedade.

### **3. Resposta a algumas objecções a esta prática**

(...) A segunda (objecção) parece indicar que essa direcção interior do Espírito Santo destrói a obediência que se deve aos superiores. Em primeiro lugar, pode responder-se que, assim como as inspirações interiores da graça não destroem a crença nas proposições exteriores dos artigos da fé, mas inclinam docemente a inteligência a crer, igualmente, a direcção dos dons do Espírito Santo, em vez de prejudicar a obediência, ajuda-a e facilita-a. Em segundo lugar, que toda a direcção interior e até mesmo as revelações divinas devem estar sempre subordinadas à obediência, e devem entender-se sob a tácita convicção de que a obediência nunca ordena algo diferente.

(...) Em terceiro lugar, esta direcção interior do Espírito Santo parece tornar inúteis as deliberações e as consultas. Para quê pedir o conselho dos homens quando é o Espírito Santo que nos dirige? Responderemos que o Espírito Santo nos leva a consultar pessoas competentes e a obedecer ao conselho dos outros.

Foi assim que enviou São Paulo a Ananias, para que lhe dissesse o que devia fazer.

(...) A quarta objecção refere-se a alguns que se queixam de não contar com a direcção do Espírito Santo e de não a conseguirem perceber.

Respondemos-lhes, em primeiro lugar, que as luzes e as inspirações do Espírito Santo, que são necessárias para fazer o bem e evitar o mal, nunca lhes faltam, especialmente se estão em estado de graça. E além disso, vivendo voltados para o exterior, como fazem, e não entrando quase nunca dentro de si mesmos; fazendo apenas exames superficiais; olhando apenas para o exterior e para as faltas que aparecem à vista dos outros, sem procurar as raízes interiores, as paixões, os hábitos dominantes, sem estudar o estado e a disposição da alma e os movimentos do coração, é natural que não conheçam de modo algum a direcção do Espírito Santo, que é plenamente interior. Como poderão conhecê-la? Nem sequer conhecem os seus pecados interiores, que são actos próprios e que realizam livremente. Mas conhecê-la-ão infalivelmente se quiserem fazê-lo, desde que contem com as disposições requeridas.

Em primeiro lugar, que sejam fiéis em obedecer à luz que lhes é concedida: essa luz crescerá continuamente.

Em segundo lugar, que eliminem os pecados e as imperfeições que, como nuvens, lhes ocultam essa luz: verão mais claramente de dia para dia.

Em terceiro lugar, que não permitam que os seus sentidos exteriores se extraviem e se manchem por causa das sensualidades: Deus abrir-lhes-á os sentidos interiores.

Em quarto lugar, se possível, que nunca saiam do seu interior ou que a ele regressem o mais depressa possível, e que estejam atentos ao que nele

acontece; aí observarão os movimentos dos diferentes espíritos que nos fazem agir.

Em quinto lugar, que descubram sinceramente todo o fundo do seu coração ao seu superior ou ao seu director espiritual: uma alma que goza dessa candura e dessa simplicidade nunca deixa de ser favorecida com a direcção do Espírito Santo.

#### **4. Os motivos que nos levam à docilidade: a perfeição e até a salvação dependem da docilidade à graça**

1. Os dois elementos da vida espiritual são a purificação do coração e a direcção do Espírito Santo. São os dois pólos de toda a espiritualidade. Por essas duas vias chega-se à perfeição segundo o grau de pureza adquirido e em proporção da fidelidade na cooperação com as moções do Espírito Santo e da obediência a elas.

Toda a nossa perfeição depende dessa fidelidade, e podemos dizer que o resumo da vida espiritual consiste em atender às direcções e moções do Espírito de Deus na nossa alma, e em fortalecer a nossa vontade no propósito de continuar a empregar com este objectivo todas as práticas de oração, leitura, sacramentos, o exercício das virtudes e das obras de caridade.

2. Há quem se exercite em belas devoções e realize numerosos actos de virtude; estão entregues aos actos materiais virtuosos. Isso é bom para os principiantes, mas é mais perfeito obedecer ao chamamento interior do Espírito Santo e comportar-se segundo as suas moções. Certamente, nesta forma de agir há menor satisfação sensível, mas há maior interioridade e mais virtude.

3. O fim a que devemos aspirar, depois de nos termos exercitado durante longo tempo na pureza de coração, é o de estarmos possuídos e governados pelo Espírito Santo de tal modo que seja apenas Ele quem dirija todas as nossas potências e todos os nossos sentidos, quem regule os nossos movimentos interiores e exteriores, e que nós mesmos nos abandonemos completamente graças a uma renúncia espiritual das nossas vontades e das nossas próprias satisfações. Assim, já não viveremos em nós mesmos, mas

em Jesus Cristo, com uma fiel correspondência às actuações do seu espírito divino e uma perfeita submissão de todas as nossas rebeldias ao poder da sua graça (...).

4. O nosso maior prejuízo é a oposição que manifestamos aos desígnios de Deus, e a resistência com que enfrentamos as suas inspirações; porque não as queremos escutar, ou, tendo-as escutado, as rejeitamos, ou, depois de as termos recebido, as enfraquecemos ou manchamos com mil imperfeições de apego, de complacência connosco mesmos e de amor-próprio.

Contudo, o aspecto essencial da vida espiritual consiste em dispormo-nos de tal modo à graça, por meio da pureza de coração, que, de duas pessoas que se consagram ao mesmo tempo ao serviço de Deus, se uma se dedica inteiramente às obras de caridade, e a outra se aplica plenamente a purificar o seu coração e a suprimir tudo o que nela se opõe à graça, esta última chegará duas vezes mais depressa do que a primeira à perfeição.

Assim, o nosso maior empenho deve ser, não tanto o de ler livros espirituais, mas o de prestar grande atenção às inspirações divinas, que não necessitam de muita leitura, e o de sermos extremamente fiéis na correspondência às graças que nos são concedidas.

7. Em algumas ocasiões pode acontecer que, tendo recebido de Deus uma inspiração, nos encontremos imediatamente assediados por recusas, por dúvidas, por perplexidades e dificuldades que nascem do nosso coração corrompido e das nossas paixões contrárias à inspiração divina. Se a recebermos com uma completa submissão do coração, ela encher-nos-á da paz e do consolo que acompanha o espírito de Deus, e que comunica às almas nas quais não encontra qualquer resistência.

## **5. A excelência da graça e a injustiça da oposição a ela**

1. Deveríamos receber cada inspiração como uma palavra de Deus que procede da sua sabedoria, da sua misericórdia e da sua infinita bondade, e que, se não pusermos obstáculos, pode operar em nós efeitos maravilhosos. Consideremos o que pôde fazer uma palavra de Deus: ela criou o céu e a terra, levou todas as criaturas do nada à participação no ser de Deus na ordem da natureza, por não ter encontrado resistência no nada. E operaria

algo ainda maior em nós, se não lhe resistíssemos. Tirar-nos-ia do nada moral para a participação sobrenatural na santidade de Deus na ordem da graça, e para a participação na felicidade de Deus na ordem da glória. E, por um pequeno ponto de honra, por um uso que satisfaz a nossa vaidade, pelo prazer de um momento, por uma bagatela, impediríamos esses grandes efeitos da palavra de Deus, das suas inspirações e das impressões do seu Espírito: assim, não concordareis que a Sabedoria teve razão ao dizer que o número dos loucos é infinito?

2. Se pudéssemos ver o modo como as nossas almas recebem as inspirações de Deus, verificaríamos que, por assim dizer, elas permanecem à superfície, sem entrarem mais profundamente, por causa da oposição que encontram em nós, impedindo-as de se gravarem nas nossas almas: é o resultado de não nos entregarmos suficientemente ao espírito e de não servirmos a Deus com uma perfeita plenitude de coração. Assim, para que as graças produzam o seu efeito no coração dos pecadores, é preciso que irrompam com ruído e violência, porque encontram neles grandes resistências; mas penetram docemente nas almas que estão possuídas por Deus, enchendo-as dessa paz admirável que acompanha sempre o espírito de Deus. Pelo contrário, as sugestões do inimigo não produzem impressão nas almas boas, porque encontram nelas princípios opostos predominantes.

## ANEXO 2

### TEXTOS DE S. FRANCISCO DE SALES (1572-1622)

Estos textos procedem do Tratado do Amor de Deus.

#### **1. Critérios de discernimento dos espíritos [39]**

Um dos melhores sinais da bondade das inspirações, e particularmente das extraordinárias, é a paz e a tranquilidade do coração que as recebe; porque o Espírito divino é, certamente, violento, mas com uma violência doce, suave e pacífica. Vem como um vento impetuoso e como um raio celeste, mas não destrói os apóstolos nem os perturba; o pavor que recebem do seu ruído é momentâneo, e logo a seguir encontra-se uma doce segurança.

Pelo contrário, o espírito maligno é turbulento, áspero, inquieto; e os que seguem as suas sugestões infernais, pensando que são inspirações do Céu, dão-se ordinariamente a conhecer porque são inquietos, teimosos, soberbos, empreendedores e manipuladores de negócios, os quais, sob pretexto de zelo, revolvem e desbaratam tudo, censuram toda a gente, repreendem tudo e falam mal de todas as coisas: pessoas sem direcção, nem condescendência, que nada suportam e que exercitam as paixões do amor-próprio sob o nome de zelo pelo amor divino.

#### **2. A obediência, prova da verdade das inspirações [40]**

Tudo é seguro na obediência, tudo é suspeito fora dela.

Quando Deus lança as suas inspirações num coração, a primeira que Ele comunica é a da obediência... Quem diz que é inspirado e recusa obedecer aos superiores e seguir os seus conselhos, é impostor. Todos os profetas e pregadores que foram inspirados por Deus amaram sempre a Igreja, seguiram a sua doutrina, foram aprovados por ela... São Francisco, São Domingos e os demais Padres de ordens religiosas, consagraram-se ao serviço das almas por uma inspiração extraordinária, mas, precisamente por

isso, submeteram-se mais humilde e sinceramente à sagrada hierarquia da Igreja.

Assim pois, os três melhores e mais seguros sinais de uma legítima inspiração são: a perseverança contra a inconstância e a leviandade, a paz e a suavidade do coração contra as inquietações e o falso zelo; a humilde obediência contra a singularidade e a teimosia.

### **3. Breve método para conhecer a vontade de Deus <sup>[41]</sup>**

São Basílio diz que a vontade de Deus nos é declarada pelas suas ordens ou mandamentos, e que então nada há a deliberar, porque nesse caso devemos fazer simplesmente o que é mandado; mas que, para tudo o mais, está na nossa liberdade escolher segundo o nosso gosto aquilo que nos parecer bom, embora não seja necessário fazer tudo o que é legítimo e louvável, mas apenas o que é conveniente, e que, finalmente, para discernir devidamente o que é conveniente, devemos escutar o conselho de um prudente pai espiritual.

Mas quero, ó Teótimo!, advertir-te acerca de uma atenção incômoda que acontece muitas vezes às almas que têm um grande desejo de seguir em tudo aquilo que é mais do agrado da vontade divina. Porque o inimigo põe-lhes dúvidas em todos os casos sobre se é vontade de Deus que façam uma coisa mais do que outra; como, por exemplo, se é vontade de Deus que comam com um amigo ou não, que usem trajes negros ou cinzentos, que jejuem à sexta-feira ou ao sábado, que desfrutem da recreação ou se abstenham dela; e nisso gastam muito tempo, e enquanto se ocupam e embaraçam em querer discernir o que é melhor, perdem inutilmente a ocasião de fazer muitas coisas boas, cuja execução seria mais para a glória de Deus do que aquilo que poderia ser o discernimento do bom e do melhor em que estão entretidas.

Não se costuma pesar a moeda miúda, mas apenas as peças de importância; o comércio e a troca tornar-se-iam demasiado enfadonhos e incômodos e perder-se-ia demasiado tempo se fosse necessário pesar os soldos, os quatinhos, os oitavos, os dinheiros e as meias brancas; do mesmo modo, não se devem pesar toda a espécie de pequenas acções para saber se umas valem mais do que as outras. Há também, muito

frequentemente, superstição em querer fazer este exame; porque, com que fim se porá em dúvida se é melhor ouvir a Missa numa igreja do que noutra, fiar ou coser, dar esmola a uma mulher ou a um homem? Não é servir bem um amo empregar tanto tempo a considerar o que é necessário fazer e como se deve fazer o que é necessário.

Devemos ajustar e acomodar a nossa atenção à importância das coisas que empreendemos: seria um cuidado ou uma diligência irrazoável tomar tanto trabalho em pensar no necessário para uma viagem de um dia como para outra de trezentas ou quatrocentas léguas.

A escolha da vocação, o intento de algum negócio de graves consequências, de alguma obra longa, ou de grandes despesas, a mudança de morada, a escolha das amizades e outras coisas semelhantes, merecem que se pense seriamente nelas, a fim de saber o que é mais conforme à vontade de Deus.

Mas nas acções pequenas e diárias, nas quais a própria falta não é nem de consequências nem irreparável, que necessidade há de mostrar-se alguém como se estivesse carregado de ocupações, cheio de atenções e dificuldades e obrigado, por isso, a fazer consultas importunas? Com que propósito consumir o cérebro para saber se Deus quer mais que eu reze o rosário ou o ofício de Nossa Senhora, visto que não há tanta diferença entre uma e outra coisa que seja necessário realizar para esse fim uma grande indagação; ou que vá ao hospital visitar os doentes e não às vésperas; ou que vá antes ao sermão do que a uma igreja onde há indulgências? Nada há, de ordinário, tão aparentemente notável numa ou noutra coisa, que seja preciso por isso entrar numa grande deliberação. É necessário proceder com boa fé e sem subtilezas em tais casos, e, como diz São Basílio, fazer livremente o que nos parece bom para não cansarmos o nosso espírito, perdermos o tempo e não nos colocarmos em perigo de inquietação, de escrúpulos e de superstições. Mas eu entendo tudo isto sempre que não haja grande desproporção entre uma obra e outra, e que não exista uma circunstância considerável a favor de uma mais do que da outra.

Mesmo nas próprias coisas importantes, é necessário conduzir-se muito humildemente, e não pensar encontrar a vontade de Deus à força de exames e subtilezas de raciocínio; mas, depois de termos pedido a luz do Espírito

Santo, aplicando a nossa consideração a procurar o seu beneplácito, tomando o conselho do nosso director e, se for conveniente, de outras duas ou três pessoas espirituais, é necessário resolvermo-nos e determinarmo-nos em nome de Deus, sem depois pôr em dúvida a nossa escolha, mas cuidando dela e sustentando-a devota, tranquila e constantemente. E embora as dificuldades, tentações e diversidades de acontecimentos que se encontrem no progresso da execução do nosso desígnio possam infundir-nos alguma desconfiança de termos acertado na nossa escolha, é preciso, contudo, permanecermos firmes e não olhar para nada disso, mas considerar que, se tivéssemos escolhido outra coisa, nos teríamos encontrado cem vezes pior, além de que não sabemos se Deus quer que sejamos exercitados na consolação ou na tribulação, na paz ou na guerra. Uma vez que tenhamos tomado a resolução, nunca devemos duvidar da santidade da sua execução e cumprimento, porque, se por nós não ficar, ela não pode falhar; agir de outro modo é sinal de grande amor-próprio ou de infantilidade, fraqueza e simplicidade de espírito.

#### **4. O Espírito Santo actuava sem obstáculos em Maria <sup>[42]</sup>**

Assim como vemos crescer a aurora do dia não com diversas interrupções e sobressaltos, mas com uma certa dilatação ou crescimento contínuo que se verifica de um modo quase insensível, de tal sorte que realmente se vê crescer em claridade, mas tão igualmente que não se percebe interrupção alguma, separação ou descontinuidade no seu aumento, assim o divino amor crescia em cada momento no coração virginal da nossa gloriosa Senhora, mas por aumentos suaves, pacíficos e contínuos, sem agitação, nem sobressalto, nem violência alguma.

Não é necessário, ó Teótimo!, conceber impetuosidade nem agitação neste celeste amor do coração maternal da Virgem, porque o amor, por si mesmo, é doce, gracioso, pacífico e tranquilo; e se algumas vezes produz assaltos ou dá sacudidelas ao espírito é porque encontra resistência. Mas quando as entradas da alma estão abertas, sem oposição nem contrariedade, faz os seus progressos pacificamente, com uma suavidade incomparável. Assim pois, o santo amor empregava a sua força no coração virginal da Mãe sem esforço, nem impetuosidade, nem violência, porquanto não encontrava nele a menor resistência ou dificuldade. Pois assim como se vê os grandes

rios formarem remoinhos de águas espumosas e tumultuosas e frequentes rebentações quando correm por um leito áspero e pedregoso, ou onde as rochas formam bancos e escolhos que se opõem e dificultam a corrente, e, pelo contrário, ao entrarem na planície correm e deslizam com suavidade e sem esforço; assim o divino amor, encontrando nas almas muitas resistências e impedimentos, como na verdade todas, em maior ou menor grau, oferecem, causa violências, combatendo as más inclinações, ferindo o coração e movendo a vontade com diversas agitações e impulsos, a fim de abrir caminho ou, ao menos, salvar e ultrapassar os obstáculos.

Mas na Santíssima Virgem tudo favorecia e ajudava o curso do amor celeste; os progressos e crescimentos nele faziam-se incomparavelmente na sua alma maiores do que em todas as demais criaturas; progressos, no entanto, infinitamente doces, pacíficos e tranquilos...

## **5. Os sete dons do Espírito Santo <sup>[43]</sup>**

O Espírito Santo que habita em nós, querendo tornar a nossa alma maleável, flexível e obediente às suas divinas moções e inspirações celestes, que são as leis do seu amor, em cuja observância consiste a felicidade sobrenatural desta vida presente, dá-nos sete propriedades e perfeições que na Sagrada Escritura e nos livros dos teólogos são chamados dons do Espírito Santo.

Ora, estes dons não somente são inseparáveis da caridade, mas, bem considerados em si mesmos e propriamente falando, são as principais virtudes, propriedades e qualidades dela. Porque:

- a sabedoria não é, na realidade, outra coisa senão o amor que saboreia, prova e experimenta quão doce e suave é Deus;

- o entendimento é o amor atento a considerar e penetrar a beleza das verdades da fé, para conhecer por meio delas Deus em Si mesmo, e depois, descendo delas, considerá-Lo nas criaturas;

- a ciência, pelo contrário, é o mesmo amor que nos ajuda e move a conhecermo-nos a nós mesmos e às criaturas, para nos fazer subir a um mais perfeito conhecimento do serviço que devemos a Deus;

- o conselho é igualmente o amor, enquanto nos torna cuidadosos, atentos e hábeis para escolher bem os meios próprios para servir a Deus santamente;

- a fortaleza é o amor que encoraja e anima o coração para executar o que o conselho determinou que deve ser feito;

- a piedade é o amor que adoça o trabalho e nos inclina a empregar-nos cordial e agradavelmente e com afecto filial nas obras que agradam a Deus, nosso Pai;

- finalmente, o temor não é outra coisa senão o amor enquanto nos faz fugir e evitar o que desagradam à Majestade divina.

## ANEXO 3

### LIBERDADE E SUBMISSÃO

Em tudo o que dissemos neste livro subjaz uma séria pergunta: como conciliar a liberdade do homem com a sua submissão a Deus? Falámos frequentemente da necessidade de ser dócil à vontade de Deus, de nos deixarmos guiar pelo Espírito Santo, etc. Então poder-se-ia objectar que o homem já não passa de uma marioneta nas mãos de Deus. Onde estão a nossa responsabilidade e a nossa liberdade?

Este temor é falso: é mesmo a tentação mais grave com que o demónio procura afastar o homem de Deus. Pelo contrário, devemos afirmar energicamente que quanto mais submetido a Deus está o homem, mais livre é. Podemos até dizer que o único modo que o homem tem de conquistar a sua liberdade é obedecer a Deus. Isto é difícil de compreender e continuará sempre a ser um certo mistério, mas, com uma série de comentários, vamos tentar torná-lo compreensível.

1. A docilidade a Deus não faz do homem uma marioneta. Deixar-se guiar pelos mandamentos de Deus e pelas inspirações do Espírito não significa navegar com «*piloto automático*» sem nada ter a fazer, mas abre caminho a todo um exercício da liberdade, da responsabilidade, do espírito de iniciativa, etc. Mas, em vez de esse exercício da minha liberdade ser caótico ou governado pelos meus desejos superficiais, é orientado por Deus no sentido que é melhor para mim. Torna-se uma cooperação com a graça divina, cooperação que não suprime, mas emprega todas as minhas faculdades humanas de vontade, de inteligência, de raciocínio, etc.

2. Deus é o nosso criador, é Ele quem em cada momento nos mantém na existência como seres livres. Ele é a origem da nossa liberdade e, quanto mais dependemos de Deus, mais brota essa liberdade. Depender de um ser humano pode ser uma limitação, mas não o é depender de Deus, pois n'Ele não há limites: é infinito. A única coisa que Deus nos «*proíbe*» é aquilo que nos impede de ser livres, aquilo que impede a nossa realização como pessoas capazes de amar e de ser amadas livremente, e de encontrar a sua felicidade no amor. O único limite que Deus nos impõe é a nossa condição

de criaturas: não podemos, sem sermos desgraçados, fazer da nossa vida outra coisa senão aquilo para que fomos criados: receber e dar amor.

3. O que é a liberdade? Não é agir segundo os nossos caprichos, sem freio algum, mas permitir que o melhor, o mais belo e mais profundo de mim possa emergir livremente e não se veja sufocado por coisas mais superficiais: medos, apego egoísta, falsidades, etc. Se me submeto a Deus, esta submissão vai precisamente «descascar-me» de toda uma crosta que paralisa, para dar passagem ao que há de autêntico em mim.

Indubitavelmente, se me submeto à vontade de Deus, uma parte de mim mesmo vai opor-se. Essa é, precisamente, a parte negativa que me condiciona e me limita e da qual me vou libertando progressivamente. Em contrapartida, a vontade de Deus nunca se opõe ao que há em mim de bom: a aspiração à verdade, à vida, à felicidade, à plenitude do amor, etc. A submissão a Deus poda coisas em mim, mas nunca sufoca o melhor de mim mesmo: as profundas aspirações positivas que me habitam. Pelo contrário, desperta-as, fortalece-as, orienta-as e liberta-as dos obstáculos à sua realização.

4. Isto é confirmado pela experiência: aquele que caminha com o Senhor e se deixa conduzir por Ele experimenta progressivamente um sentimento de liberdade; o seu coração não se reduz, não se sufoca, mas, pelo contrário, dilata-se e «respira» cada vez mais. Deus é o amor infinito, e n'Ele nada há de estreito nem reduzido, mas tudo é largo e amplo. A alma que caminha com Deus sente-se livre, sente que nada tem a temer, visto que, pelo contrário, tudo lhe está submetido porque tudo concorre para o seu bem, as circunstâncias favoráveis como as desfavoráveis, o bem como o mal. Sente que tudo lhe pertence porque é filha de Deus, que nada pode limitá-la porque Deus lhe pertence. Não está condicionada por nada, mas faz tudo o que quer, porque o que quer é amar, e isso está sempre no seu poder. Nada pode separá-la de Deus, a quem ama, e sente que, mesmo se estivesse na prisão, seria igualmente feliz, porque, de qualquer modo, nenhuma força do mundo pode arrancar-lhe Deus.

5. A verdadeira solução do problema não é filosófica, mas existencial. No plano filosófico, podemos sempre suspeitar de uma contradição entre a nossa liberdade e a vontade divina. Afinal de contas, tudo depende de como

nos situamos diante de Deus! A oposição entre a nossa vontade e a vontade de Deus resolve-se totalmente se a nossa relação com Deus chegar a ser uma relação de amor, e só assim pode resolver-se.

Os que se amam unem as suas vontades livre e voluntariamente; dependem um do outro, e quanto mais unidos e dependentes, mais felizes estão e mais livres são. O adolescente está descontente por depender dos seus pais, pois essa dependência pesa-lhe: preferiria ser autónomo e não precisar de ninguém. Mas o bebé (naquilo em que nos devemos tornar, segundo o Evangelho) não sofre por depender totalmente dos seus pais, pelo contrário, pois esse laço de dependência é o lugar de uma troca de amor: ao receber tudo dos seus pais, aquilo que recebe é, na realidade, amor, ao qual responde amando, com uma maneira de amar que é precisamente a alegria de receber, e de devolver em amor aquilo que recebe.

6. O que significa que, se desejamos que se resolvam as contradições (aparentes) entre a vontade divina e a nossa liberdade, é preciso pedir ao Espírito Santo a graça de amar mais a Deus, e o problema resolver-se-á por si mesmo. Amar a Deus é a coisa mais exigente que existe (pede-nos uma entrega total: amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todas as tuas forças), mas ao mesmo tempo a menos obrigatória que existe: amar a Deus não é uma obrigação, pois o seu esplendor e a sua beleza são tais que amá-Lo é uma felicidade infinita. Deus é o bem infinito; amá-Lo não restringe a nossa vontade, mas alarga infinitamente o coração.

Mas se, pelo contrário, nos afastamos desta perspectiva de amor, se a relação entre Deus e o homem é apenas uma relação de criador para criatura, de senhor para servo, etc., então o problema torna-se insolúvel...

Só o amor pode reduzir a contradição que existe entre duas liberdades; somente o amor permite que duas liberdades se unam livremente.

Amar é perder livremente a vontade, mas esta perda é um ganho, pois dá-me ao Outro e entrega-me ao Outro. Amar a Deus é perder-se para encontrar e possuir Deus e, afinal de contas, encontrar-se consigo mesmo n'Ele: «*Quem encontrar a sua vida, perdê-la-á; mas quem perder a sua vida por mim, encontrá-la-á*» (Mt 10, 39).

## NOTAS

[1] (*Diário*, Santa Faustina Kowalska. Ed. PP. Marianos da Imaculada Conceição da Santíssima Virgem Maria. A irmã Faustina Kowalska, nascida em 1905 e falecida a 5 de Outubro de 1938, foi canonizada pelo Papa João Paulo II no domingo, 30 de Abril do ano 2000. Esta religiosa polaca recebeu de Jesus a missão de dar a conhecer ao mundo a Misericórdia divina com maior profundidade, especialmente por meio de um ícone de Cristo Misericordioso que ela mandou pintar.

[2] O sentido da justiça na Escritura, mais do que aquele que habitualmente lhe damos, refere-se à atitude do homem cuja vontade se «ajusta» plenamente à de Deus, amando-O e amando o próximo; dito de outro modo, aquilo que entendemos por santidade.

[3] O Segredo de Mara, Casals, 1979; começo da primeira parte

[4] Claro que isso não quer dizer que não devemos esforçar-nos, mas, para que os nossos esforços não se revelem estéreis, devemos orientá-los na direcção certa: não devem visar alcançar a perfeição como resultado deles mesmos, mas antes deixar Deus agir sem Lhe opor resistência, para nos abrirmos o mais plenamente possível à sua graça que nos santifica.

[5] Vejamos uma passagem de uma carta de Teresa que pode ajudar-nos a compreender o que ela quer dizer: «Gostaria de tentar fazer-vos compreender, por meio de uma simples comparação, quanto Jesus ama as almas, mesmo as imperfeitas, que confiam n'Ele. Imagino que um pai tem dois filhos traquinas e desobedientes e que, ao ir castigá-los, um deles treme e afasta-se dele com terror, embora no fundo do coração sinta que merece ser castigado; e que o seu irmão, pelo contrário, se lança nos braços do pai dizendo-lhe que lamenta tê-lo desagradado, que o ama e que, para lho demonstrar, de futuro será bom; depois, se esta criança pede ao pai que a castigue com um beijo, não creio que o coração do pai possa resistir à confiança filial do seu filho, cuja sinceridade e carinho conhece. Contudo, não ignora que o seu filho tornará a cair nas mesmas faltas mais de uma

vez, mas está disposto a perdoar-lhe sempre, se ele continuar a conquistá-lo pelo coração (...) (Carta 258).

[6] *Cántico Espiritual B*, estrofe 32, 1, em *Vida e obras de S. João da Cruz*, BAC, Madrid 1978

[7] *Noite escura* (2). Coment., c. 21, 8, em *Idem*

[8] *Idem*

[9] Santa Faustina Kowalska, *op. cit.*

[10] Carta 2074 na edição de Annecy. Ao apresentar os pontos essenciais da espiritualidade de São Francisco de Sales, o padre Ravier afirma que «as inspirações são um dos meios de que o Espírito Santo Se serve para guiar cada pessoa em cada instante. Discerni-las e segui-las é um dos pontos mais importantes da vida devota», em Francisco de Sales, *Lettres d'amitié spirituelle*, Desclée de Brouwer, p. 818.

[11] O que não quer dizer que tudo esteja perdido se algumas vezes somos infiéis. Falaremos disso mais adiante

[12] *Manuscrito autobiográfico A*, folio 48.

[13] Ricardo de São Vítor diz: «Atrevo-me a afirmar que uma só gota dessas consolações divinas pode fazer aquilo que todos os prazeres do mundo não poderiam conseguir. Estes não serenam o coração, e uma só gota da doçura interior que o Espírito Santo derrama na alma arrebatada para fora de si mesma e causa-lhe uma santa embriaguez».

[14] *Tratado do amor de Deus*, Primer Monasterio de la Visitación, Madrid 1984. Libro 8, Capítulo 10

[15] *Suma Teológica*, Ia IIae q. 68 a. 1.

[16] *Idem*

[17] *Conselhos e Recordações*, recolhidos pela irmã Genoveva.

[18] *Sal* 103, 2

[19] Carta a santa Joana de Chantal.

[20] Evidentemente, esta noção coloca um difícil problema teológico e existencial. Não se trata de cair no fatalismo ou na passividade, nem de dizer que tudo o que acontece é vontade de Deus: Deus não quer o mal nem o pecado. Muitas das coisas que acontecem não se devem à vontade de Deus, mas, na sua sabedoria – escandalosa para a nossa inteligência – Ele permite-as. Deus pede-nos que façamos tudo o que for possível para eliminar o mal. Mas acontece que, sejam quais forem os nossos esforços, se dão uma série de circunstâncias que não podemos dominar, que não são obrigatoriamente queridas por Deus, mas que, no entanto, Ele permite, e convida-nos a aceitá-las com paz e confiança, mesmo se nos fazem sofrer e nos contrariam.

Não se trata de aceitar o mal, mas de aceitar a misteriosa sabedoria de Deus, que permite o mal. Esta aceitação não é um compromisso: é a expressão de uma confiança em Deus mais forte do que o mal. Há nisso uma forma de obediência, dolorosa mas fecunda. Significa que, depois de termos feito tudo o que está ao nosso alcance, somos convidados, perante aquilo que os acontecimentos impõem de qualquer modo à nossa vontade, a viver numa atitude de abandono e confiança filial no nosso Pai celeste, na certeza de que «*todas as coisas concorrem para o bem daqueles que amam a Deus*» (Rom 8, 28). Para dar um exemplo: Deus não quis a traição de Judas nem a cobardia de Pilatos (Deus não pode querer o pecado), mas permitiu-as, e quis que Jesus aceitasse filialmente esses factos, como o fez: «*Pai, não se faça a minha vontade, mas a tua*» (Mc 14, 36).

[21] Expressão que indica a irmã Genoveva nos seus *Conselhos e Recordações*.

[22] Juan de Bonilla, *Breve Tratado da paz da alma*, col. Neblí, Rialp, 2005, p. 34.

[23] *A paz interior*, Jacques Philippe. Rialp. 4<sup>a</sup> ed., 2004.

[24] *Ditos de luz e amor*, 153, em *Vida e obras de S. João da Cruz*, BAC, Madrid 1978.

[25] *Máxima* 175

[26] *Tempo para Deus*, Jacques Philippe. Rialp, 7ª ed., 2004.

[27] O desenvolvimento desse «*sentido espiritual*» procede da teologia dos «*dons do Espírito Santo*», tal como foi exposta por São Tomás de Aquino e por muitos outros autores, cada um à sua maneira. Não entraremos nisso, nem falaremos detalhadamente dos diversos dons do Espírito Santo, pois isso complicaria a nossa exposição, que pretendemos tornar o mais simples possível. No entanto, veja-se o texto de São Francisco de Sales em anexo.

[28] *Tratado do Amor de Deus*, libro 8, capítulo 13.

[29] Claro está, exceptuando o caso do carisma reconhecido no Concílio Ecuménico e no Santo Padre quando definem «*ex cathedra*» a fé da Igreja.

[30] Por exemplo, veja-se em Santo Inácio de Loyola o capítulo sobre o discernimento dos espíritos nos *Exercícios Espirituais*.

[31] Certamente, existe uma «*tristeza que conduz ao arrependimento*» e que provém do Espírito Santo. Mas transforma-se logo em alegria... Além disso, essa tristeza não procede, de facto, do Espírito Santo em si; procede daquilo que em nós é mau e necessita de conversão, e que o Espírito dá a conhecer.

[32] *Subida ao Monte Carmelo*, livro 1, cap. 13.

[33] *Sal* 119, 35.

[34] Ver o texto no anexo 2

[35] *Tratado do Amor de Deus*, livro 8, cap. 9.

[36] Cf. Lc 1, 35: «*O Espírito Santo descera sobre ti e o poder do Altíssimo cobrir-te-á com a sua sombra*».

[37] Cf. Jo 19, 27.

[38] *Doctrine spirituelle* (Doutrina espiritual), Louis Lallemant, col. Christus, DDB

[39] Livro 8, cap. 12.

[40] Livro 8, cap. 13.

[41] Livro 8, cap. 14.

[42] Livro 7, cap. 14.

[43] Livro 11, cap. 15.